



**Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Escola de Comunicação**

Felipe Cocco Cordovil de Macedo

Luz vermelha, câmera, ação!
Uma análise de marketing da pornografia no Brasil.

Rio de Janeiro
2007



**Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Escola de Comunicação**

Felipe Cocco Cordovil de Macedo

Luz vermelha, câmera, ação!
Uma análise de marketing da pornografia no Brasil.

Monografia de conclusão de Curso apresentado à
Escola de Comunicação da UFRJ como parte dos
requisitos necessários à obtenção de diploma de
graduação em Publicidade e Propaganda

Orientador: Sebastião Amoêdo de Barros

Rio de Janeiro
2007

MACEDO, Felipe Cocco Cordovil de

Luz Vermelha, câmera, ação! uma análise de marketing da pornografia no Brasil/ Orientador: Sebastião Amoêdo de Barros. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2007. Monografia (Graduação em Publicidade e Propaganda) Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro

58 páginas

1-Marketing 2-Pornografia 3-Preconceito I. Sebastião Amoêdo de Barros (orientador) II. ECO/UFRJ III. Publicidade e Propaganda. IV. Título



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Escola de Comunicação

Felipe Cocco Cordovil de Macedo

Luz vermelha, câmera, ação! Uma análise de marketing da pornografia no Brasil.

Monografia de conclusão de Curso submetida à banca examinadora da Escola de Comunicação da UFRJ como parte dos requisitos necessários à obtenção de diploma de graduação em Publicidade e Propaganda.

Professor Sebastião Amoêdo de Barros – Orientador

Professora Claudete Lima - Examinadora

Professor Eduardo Refkalevsky - Examinador

Professor Luiz Sollon Galotti - Examinador

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 20__.

Nota: _____

Dedicatória

Dedico esta monografia

**Ao meu irmão, Fernando Macedo, que
abraçado ainda pelas asas da inocência na
flor de seus 9 anos ainda nada sabe sobre o
que aqui está escrito;**

**Ao meu avô Beto, minha grande referência e
certamente quem mais sofreu
com a exclusão que me impus para
escrever esse texto;**

**À minha mãe, a mulher da minha vida:
única, eterna e insubstituível;**

**Ao meu pai, mais que um exemplo,
um objeto que tento espelhar à perfeição;**

**À santa Trindade de avós que sempre me abençoou:
Vó Lucy, uma anja que no camarote celeste deve estar dando
cambalhotas de alegria pelo primeiro neto graduado.
Vó Neyde, simples e carinhosa, nos intervalos da novela
sempre com uma palavra amiga e uma história nova.
Vó Marly, grande prova de que a vida sabe tirar,
mas também ressarcir, sem dúvidas a pessoa
que mais me ensinou sobre e incentivou para o sexo**

**Aos amigos com que dividi minha vida inteira,
principal força-motriz de minha perseverança e cara-de-pau.**

**À minha namorada, Marcela Egas, que
hoje é a fotógrafa oficial de meu coração e
uma das minhas maiores incentivadoras.**

**Aos meus filhos que ainda nem sonham em nascer,
mas que certamente um dia lerão orgulhosos essas páginas.**

**E a todos aqueles que entendem a diferença entre
um diagnóstico e uma apologia.**

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos aqueles que perderam minutos sagrados de suas vidas discutindo comigo esse tema louco:

Os amigos de toda a vida: Luiz Felipe “Anão” Pereira, Eduardo “Popota” Mota, Leonardo Bonatto, Jefferson “Bola” Costa, Daniel “Velho” Borba, Felipe “Autista” Bittencourt, Rodrigo Béze, Marcus “Goela” Oberlaender, Maurício “Chucky” Bregman, Renan “Beça” Dayube, Fabiano “Bi” Diniz, Larissa “Lara” Vieira, Henrique “Tiozão” Menandro, Bruno “Buba” Macedo, Diego “Bode” Barros, Carlos Eduardo “Kadu” Gonçalves”, Carolina Macedo, Marcela Getirana e Danielle “Ameba” Degering;

Os amigos da faculdade, muito mais importantes que qualquer diploma: Gabriel “soldado Ari” Ribeiro, Augusto Neto, João Marcelo Marins, João Francisco Rudge, Marina Frid, Carolina Toledo, Wallace Granja, Marcelo Lobo, Ricardo Senra, Maria Carolina Magalhães, Mariana Silvestre, Larissa Agostini, Mariana Alencar, Renata Lehmann, Carol “Testa” Meirelles e Ana Clara Werneck;

Os amigos que surgiram de onde menos esperava: Rodrigo “Mestre” Monteiro, Leonardo “Maceródio” Furtado, Marcelo “Big Boss” Sant’Anna, Vanise “Van” Baptista, Igor “Igão” Rodrigues, Dirceu “Obina” Júnior, Filipe “Fil” Diniz, Raphael Antunes, Aldo Arai e Joey El-mann;

Toda minha família, da qual mantive-me temporariamente ainda mais afastado do que o normal;

O pessoal da Sexy Hot, da Brasileirinhas, da Buttman, das Panteras, da Planet Sex e da Introduction, exaustivamente assediados por mim;

A tia Lurdinha pela impecável tradução para inglês do complicado resumo desse trabalho;

Os professores Joaquim Welley e Ilana Strozemberg, que me ajudaram muito, respectivamente, no fim e no início desse trabalho;

O professor Sebastião Amoêdo, que mostrou excitação do começo ao fim de nossa parceria, sem preconceitos ou visões retrógradas, e sempre com extremo bom-humor;

Muito obrigado a todos!

“Um novo hedonismo: é isso que nosso século busca!”

“Retrato de Dorian Gray”, Oscar Wilde

“Quanto mais alto voamos, menor parecemos àqueles que estão presos ao chão”

Prólogo de “Assim Falou Zaratustra”, Friederich Nietzsche

Em face dos últimos acontecimentos

Oh! sejamos pornográficos
(docemente pornográficos).
Por que seremos mais castos
que o nosso avô português?

Oh! sejamos navegantes,
bandeirantes e guerreiros
sejamos tudo que quiserem,
sobretudo pornográficos.

A tarde pode ser triste
e as mulheres podem doer
como dói um soco no olho
(pornográficos, pornográficos).

Teus amigos estão sorrindo
de tua última resolução.
Pensavam que o suicídio
fosse a última resolução.
Não compreendem, coitados,
que o melhor é ser pornográfico.

Propõe isso ao teu vizinho,
ao condutor do teu bonde,
a todas as criaturas
que são inúteis e existem,
propõe ao homem de óculos
e à mulher da trouxa de roupa.
Dize a todos: Meus irmãos,
não quereis ser pornográficos?

Carlos Drummond de Andrade

MACEDO, Felipe Cocco Cordovil de . **Luz vermelha, câmera, ação!** uma análise de marketing da pornografia no Brasil. Rio de Janeiro, ECO/UFRJ,2007. Monografia (Graduação em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
58 p.

RESUMO

Abrem-se as portas do século XXI, o século da segmentação, da interatividade, do faça-você-mesmo e da pirataria. Como sobreviver nesse mercado tão diferente e complicado? As estratégias de marketing da indústria pornográfica, uma das que certamente mais sofrem com essas novas peculiaridades mercadológicas, podem apresentar algumas opções para tangenciar esse buraco-negro que é o livre-mercado de convergências que está nascendo. Com esse objetivo, examina-se aqui um pouco desse academicamente mal-explorado segmento da indústria cultural: os vídeos pornográficos, que em sua produção nem sempre se observam as mais elementares regras de prevenção às doença sexualmente transmissíveis! Uma observação importante: apesar de minoritários, ou exatamente por causa disso, optou-se aqui trabalhar exclusivamente com produtoras voltadas ao público heterossexual, ainda que algumas delas produzam também material considerado homossexual.

MACEDO, Felipe Cocco Cordovil de . **Red Light, camera, action!** A marketing analysis of the porn industry in Brazil. Final paper (Degree in Propaganda and Advertising) – Communication School, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
58 p.

ABSTRACT

The 21st century opens – the century staging segmentation and interactivity, side by side with do-it-yourself practices and pirating. How to survive in such a different and complex market? The marketing strategies of the pornographic industry, one of the industries which have suffered most the consequences of the new marketing peculiarities, can propose some options to get around the black hole of the free-market of convergence. Aiming to analyze that, in this paper we will examine a small section of this academically unexplored segment of the cultural industry: the porn videos, which, in their production phase, do not always take into account the most basic rules for the prevention of sexually transmitted diseases! We should note that, despite their being a minority, or even for this reason, we have chosen to work exclusively with production companies catering to the heterosexual groups, although some of them also turn out materials seen as homo.

Sumário

- 1 APRESENTAÇÃO, 1**
 - 1.1 Introdução, 1
 - 1.2 Justificativa, 2
 - 1.3 Metodologia, 4
 - 1.4 Objetivos, 4
- 2 O QUE É PORNOGRAFIA?, 5**
 - 2.1 Pornografia versus Erotismo- do Kama Sutra ao Garganta Profunda, 5
 - 2.2 O papel da pornografia no sexo hoje, 6
- 3 SEXO SE VENDE! E VENDE BEM!, 8**
 - 3.1 A origem da pornografia, 8
 - 3.2 Boca do lixo- nasce um novo cinema brasileiro, 11
- 4 ANÁLISE MERCADOLÓGICA, 14**
 - 4.1 O mercado brasileiro, 14
 - 4.2 O que atravanca a pornografia brasileira, 16
 - 4.3 Quem vende sexo no Brasil, 34
- 5 OS P's DA PORNOGRAFIA, 36**
 - 5.1 Preço, 37
 - 5.2 Praça, 38
 - 5.3 Promoção, 43
 - 5.4 Produto, 45
 - 5.5 Particularidades, 47
- 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS, 50**
 - Referências, 54
 - Glossário, 58

1 APRESENTAÇÃO

Quando se fala de pornografia no Brasil, é impossível falar com clareza, impessoalidade e objetividade que a linguagem acadêmica habitualmente exige. Certamente o trabalho ficaria seriamente prejudicado e pouco verdadeiro caso optássemos por seguir as regras à risca. Afinal, estamos de frente a um universo inexplorado, onde as dúvidas são maiores que as certezas e em que o pioneirismo é motivo de orgulho. Quem abriu esse trabalho atrás de regras e padrões universais (que mudam todo ano) sairá deveras decepcionado, porém aqueles que desejam ler um texto que enalteça o delicioso tema proposto, estes, sem dúvidas, sairão com o bendito gostinho de quero mais. Pois, se há uma qualidade no trabalho a seguir que merece ser destacada, esta é a dedicação e o esmero que tivemos para que houvesse um equilíbrio razoável entre o texto e seu conteúdo.

Para facilitar a vida dos muitos ainda pornograficamente excluídos, elaboramos um glossário ao cabo do texto. Lá estão, além de todas as palavras marcadas com “*” durante o texto, algumas outras palavras do jargão pornográfico.

Boa leitura.

1.1 Introdução

Quantos seriam capazes de citar entre os segmentos que mais crescem no mercado mundial a indústria pornográfica? Em pleno século XXI há ainda uma cortina de ferro sobre essa indústria que movimenta bilhões de dólares mundo afora (JORNAL DO ESTADO, 2007), emprega milhares de indivíduos e atinge milhões de pessoas em momentos superagradáveis no conforto de seus lares.

A pornografia raramente é vista com a ótica que merece. Trata-se de uma máquina de fazer dinheiro com um produto capaz de atingir todos os públicos. Quantos há que nunca viram sequer uma parte de um vídeo pornô?

Contra todos os preconceitos, proibições, interdições e restrições, ela resiste bravamente e voa em céus de brigadeiro rumo ao lucro. Trata-se de um empreendimento que mexe com o mais básico dos instintos humanos e que dificilmente um dia será suprimido. Quanto mais se proíbe, mais curioso ficamos, e assistimos (nem que seja apenas para condenar depois) .

No Brasil esse fenômeno do crescimento também é visto sem dificuldades, o colosso da pornografia vem arrebatando todas as cifras e se fortalecendo no mais curioso silêncio. É impossível afirmar quantos *sites*, DVD's e revistas dedicadas ao assunto são produzidos por semana. Um simples passeio pela internet, por locadoras, por bancas de jornal é suficiente para confirmar a asserção anterior. Esse poderoso mercado está em todos os lugares e ninguém no país parou até hoje para analisá-lo como tal. Todos os trabalhos acadêmicos voltados à pornografia são tratados sobre seu papel moral, amoral ou imoral, focados principalmente na sua, não menos importante, discussão psicológica.

1.2 Justificativa

Complete a frase: Ver vídeo pornô é coisa de

.....

.....

Usualmente associa-se esse produto aos garotos na puberdade. Porém, acontece que garotos na puberdade geralmente estão entre 13 e 16 anos e qualquer material pornográfico é proibido, nos países democráticos, aos menores de 18 anos. Eis o primeiro problema da pornografia: seu público-alvo primário não pode consumir seu produto.

Pense em algum vídeo pornô que tenha assistido. Você pagou por ele? Ou baixou na internet, ou pegou emprestado de algum amigo, ou estava passando na tv do motel? Aparentemente, poucos são os que em tempos de tão fácil acesso se prontificam a pagar por pornografia, contudo os vídeos continuam pululando por aí, sempre mais, melhores e diferentes dos anteriores. Como? Com que dinheiro? Quem banca essa festa?

Suponha que você seja filha de um bilionário e autorize seu namorado a filmar a transa de vocês. Depois que termina o namoro, ele resolve lucrar com essa filmagem e coloca o vídeo na internet. Sem gastar um único real, dólar ou euro você acaba de fazer um vídeo pornográfico que certamente atrairá muitos curiosos. Parabéns, você produziu seu primeiro vídeo amador, e está apta a lutar pelas mentes (e mãos) do público com as grandes produtoras. Não é preciso ser profissional para obter destaque nessa área.

Fatalmente todas as indústrias em tempo de internet, de faça você mesmo, de moralismos exaltados passarão por alguns problemas parecidos com esses. No entanto, para as produtoras pornô esses problemas são uma constante, não há pornografia sem esses problemas: moralismo, pirataria e amadorismo. Captar como as empresas do ramo conseguem lucrar mesmo diante dessas grandes adversidades, além de justificar todo um trabalho acadêmico, pode abrir novas perspectivas para setores que já julgam um único desses problemas o epicentro de um sismo nunca antes visto.

Paralelamente há a extrema segmentação do mercado pornográfico, supra-sumo do marketing no século XXI. O que o público desejar é preciso filmar, ou, sendo mais sincero, o que uma fatia significativa do público desejar filmado será. Assim zoofilia*, *bukkake**, *gang-bang**, *ménage**, *fist**, DP*, lesbianismo*, trans-sex*, homoerotismo* se tornam o equivalente a Light, Zero, Diet, Plus, Power da indústria alimentícia, apenas uma especialização do produto para um público específico, com a feliz diferença de que os consumidores não precisam contratar um laboratório ou esperar semanas para descobrir se foram enganados ou não. A pornografia é pródiga em diversificar seus filmes, resta saber a postura das produtoras acerca disso. Elas se especializam? Se posicionam? Assumem uma fatia do mercado? Ou tentam acertar todos os alvos? Se diversificam?

Por último, há o ineditismo. Talvez o maior energético para qualquer ser humano seja a oportunidade de ser o primeiro, o estreante, o que tira a virgindade... não há como evitar essa euforia, estamos diante de uma porta por onde até agora só se olhou pela fechadura, e viu-se apenas uma pose, uma imagem construída racionalmente por si mesma da indústria pornô, como todo observado que sabe estar sendo observado. Cabe a nós achar a chave ou arrombar a porta para encontrar a verdadeira indústria sem maquiagem, sem máscara, sem figurino, ou seja, nua como ela deve e precisa ser.

É a hora da academia se abrir para esse segmento (que nada tem de novo), entender o seu funcionamento e gozar das novas estratégias que ele promete trazer. É hora de parar de produzir sexo no escuro. É hora de luz, câmera e ação, muita ação. É hora de colocar os preconceitos, proibições e restrições no cantinho da cama e venerar um pouco essa indústria-símbolo da pós-modernidade. É hora da segmentação, da luta contra a pirataria, dos amadores serem grandes concorrentes. Essa é a hora que vivemos, e se há um setor que já aprendeu como sobreviver nesse tufão que é o livre-mercado do

século XXI, esse setor é o pornográfico, mais precisamente as produtoras pornográficas, e serão elas o brinquedinho que irá nos entreter durante as próximas páginas.

1.3 Metodologia

Como a bibliografia sobre o tema no Brasil é extremamente escassa, restou-nos a internet como principal ferramenta de busca de dados. Pontos mais específicos, como o funcionamento das empresas que vendem sexo no Brasil, foram esclarecidos através de entrevistas profundas com seus representantes. Para entendermos um pouco do comportamento do público desse segmento, fizemos uma sondagem informal nos últimos dois anos.

1.4 Objetivos

Por tudo isso, o grande objetivo desse trabalho é traçar um apanhado geral desse mercado no Brasil, concentrando o máximo de informações mercadológicas possíveis sobre ele, no reduzido tempo que uma pesquisa monográfica permite. De forma que esse setor da economia, normalmente desprezado como tal, passe a ter um documento que comprove a existência em seu DNA do dominante gene do *business*.

Não é possível esconder aqui que um dos objetivos desse trabalho é compartilhar uma esperança: que a indústria pornográfica alcance no Brasil a amplitude e o rendimento que seu potencial promete. Mostrar esse potencial, as dificuldades e o que já está sendo feito é apenas um primeiro passo para que essa esperança escape do mundo metafísico e se materialize.

Por último, mas não menos importante, deixar essa pesquisa numa biblioteca pública para que futuros pesquisadores do tema possuam uma referência e não precisem passar pelo demorado processo de caça a informação da qual esse trabalho foi a primeira (e, possivelmente, última) vítima, poupando, assim, um tempo precioso que pode ser dedicado a investigações mais profundas e conclusões mais elaboradas do que as aqui apresentadas.

2 O QUE É PORNOGRAFIA?

Há um mistério no ar: afinal, o que é pornografia? Nas páginas seguintes, tratamos o conceito de pornografia e depois a encaramos como uma atividade humana, sem observar seu lado comercial, para estudar algumas de suas conseqüências no comportamento das sociedades do futuro.

2.1 Pornografia versus Erotismo - do Kama Sutra ao Garganta Profunda

A primeira grande discussão desse trabalho se encontra muito mais na seara da filologia e da etimologia do que propriamente no marketing: O que é pornografia? O que difere a arte pornográfica da arte erótica?

Consultemos o dicionário (PRIBERAM ONLINE, 2007) para começar a esclarecer essa questão:

Pornografia(s.f.)- do Grego "pórne" (prostituta) + "gráphein" (descrever)

Erotismo(s.m.)- do Grego "erótikus"(referente ao deus Eros, Cupido para os romanos)

A pornografia tem a ver com a mais antiga das profissões, enquanto erotismo contém dentro de si o mais nobre dos sentimentos. Isso por si só já diz muito.

No entanto, sabemos que o idioma é vivo e que essas duas palavrinhas filologicamente tão diferentes estão, pelo seu uso indiscriminado, convergindo para mais errônea sinonímia. Outrora, o Kama Sutra (obviamente as edições ilustradas do livro) era pornográfico, pois suas imagens eram suficientemente picantes para as virgens retinas adultas que o apreciavam com certa dor na consciência e um delicioso gosto de infração aos bons costumes. Hoje, ele não mais passa de um útil manual erótico que as crianças folheiam na aula de educação sexual do ensino fundamental. O livro mudou? Talvez as poses, as fotos, os textos tenham mudado, mas a essência dele permanece, mudamos nós, mudou-se a língua, mudou-se o conceito.

Quando "Deep Throat" chegou nas salas de cinema, invariavelmente o termo pornográfico era associado a ele, hoje, quase 30 anos e muitos filmes depois, a classificação oficial do filme é *Cult*, um filme erótico que pais alugam na sessão "Clássicos" de suas locadoras para assistirem durante a tarde de domingo com seus filhos recém-chegados à puberdade.

Não há, então, uma linha natural, rígida e definitiva chamada "fronteira entre pornografia e o erotismo", no entanto, para fins acadêmicos, seremos obrigados a copiar

a Conferência de Berlim¹ e traçar limites hipotéticos entre esses dois territórios que possuem mais interseções do que propriedades. **Consideraremos pornográficos todo material humano sexualmente explícito que precise de uma mídia (DVD's, CD's, revistas, televisão, internet, projeções...) para ser visto, todo o resto será considerado erótico.**

Dessa forma, o que tradicionalmente chama-se de Pornô *soft*² (filmes com moças se esfregando enquanto tomam banho, com cenas de sexo que só mostram os rostos dos atores); motéis; prostíbulos; livros não-ilustrados com histórias picantes; apetrechos e brinquedinhos pompoaristas; *sex shops*; *lingeries* voluptuosas; revistas como Playboy, Sexy e G Magazine; propagandas de cerveja e documentários da *Discovery Channel*³ não serão considerados pornográficos aqui. Eis uma arbitrariedade necessária à Academia.

2.2 O papel da pornografia no sexo hoje

Um mundo em que “seres humanos já podem ser cultivados”^{4 5}, em que o sexo tornou-se unicamente uma estrada para o prazer, em que a depressão⁶ e a solidão⁷ alcançaram níveis extraordinários. Adicione-se a esse painel caótico as facilidades e privacidades que a tecnologia propicia, ferva com muita pirataria e apimente com doses cavalares de amadores colocando à disposição de todos as mais variadas formas de desejo. Pronto! Está criado o ambiente perfeito para a ascensão da pornografia.

No livro “Ilusão Vital”, Jean Baudrillard (2002, p.16), abordou essa questão:

A Revolução sexual- a verdadeira, a *única*- é o advento da sexualidade na evolução das coisas vivas, o advento da dualidade que põe fim à indivisão perpétua e às sucessivas repetições do semelhante [...]

A primeira fase da liberação sexual envolve a dissociação da atividade sexual da procriação, por intermédio de pílula e outros contraceptivos[...] A segunda fase, na qual começamos a entrar agora, é a dissociação entre a reprodução e o sexo. Primeiro o sexo foi liberado da reprodução; hoje é a reprodução que é liberada do sexo...

¹ Conferência de Berlim realizada em 1884 teve como objetivo organizar, na forma de regras, a ocupação da África pelas potências coloniais e resultou numa divisão que não respeitou, nem a história, nem as relações étnicas e mesmo familiares dos povos do Continente.

² tradicionalmente exibidos no Sexytime do Multishow e na PlayboyTv

³ Canal famoso por mostrar cenas de acasalamento de animais em seus documentários

⁴ Palavras de Morfeus, personagem de Lawrence Fishburne em Matrix

⁵ “Cientistas anunciam o primeiro espermatozóide feminino” anunciou O Globo em sua capa da edição de 13/04/07

⁶ As vendas de Prozac batem recordes ano-a-ano

⁷ O número de divórcios no Brasil vem crescendo exponencialmente

O sexo como conceito que perdurou durante milênios está começando a ruir. Primeiro com o advento (ou aceitação ampla e restrita) do terceiro⁸ sexo, que pôs em xeque ao conceito de sexo como gênero. Depois com a popularização dos mecanismos de contracepção, que transformou o ato em uma coisa muito parecida com sexo. Na derradeira fase, o sexo já não precisa mais de atos, de contato, pode ser simulado à perfeição com bonecas, consolos, choques⁹ e, num futuro bem próximo, bastará um clique e o *download* da melhor transa possível será feito em segundos¹⁰, sem riscos de “não”, de compromisso, de sogra, de doenças e de tocar no outro¹¹.

A principal constatação de que o sexo está realmente morrendo é que ele está sendo falado por todos os lados, temos uma onipresença do sexo em nossa sociedade, porém “nessa sociedade, nada desaparece por falta, mas por excesso” (BAUDRILLARD, 1991, p.67). Os religiosos pregarão isso como o juízo final, os nietzscheanos encontrarão aí o nascimento do super-homem que tanto falou Zaratustra e os visionários ficarão ricos. Independentemente de valorações (bom/ruim, certo/errado, ético/anti-ético, moral/imoral...) esse é um caminho sem volta, o bonde da história já foi colocado sobre os trilhos e o peso de toda a humanidade o impede de ser freado.

Dessa forma, a pornografia se torna a grande vedete da geração que ainda convive com a esclerose do sexo e a menarca do que BAUDRILLARD (2002) chama de cibersexo. A pornografia é a transição perfeita dessas duas sexualidades, gera prazer através da combinação do virtual (imagens projetadas numa tela/ impressas numa revista) com o real (o grande suporte de prazer da pornografia ainda é a analógica mão). Portanto, não há surpresa quando constata-se que a maior parte dos filmes (amadores e profissionais) produzidos todos os anos sejam pornográficos, que as revistas que mais ocupam espaços nas bancas sejam pornográficas, que a maior parte dos *site* da internet sejam pornográficos, que as palavras mais buscadas no Google tenham a ver com pornografia, que os arquivos mais baixados sejam pornô, que o número de canais de tevê pornográficos sejam os que mais crescem(e de seus assinantes) e que a indústria pornográfica nunca tenha sofrido uma recessão. Essa é a era da pornografia- era cujo

⁸ Aqui a referência aos homossexuais, andróginos, trans, hermafroditas e afins

⁹ Em *Sex-Shops* há anéis penianos que através de eletrodos geram a mesmíssima sensação de um orgasmo.

¹⁰ Já é possível fazer *download* de drogas virtuais (PRENSA DIGITAL, 2007)

¹¹ No filme “ Demolidor”, Sharon Stone vai para cama com Silvester Stallone através de dois capacetes, pois, segundo ela, “trocar fluidos corporais é nojento”

único risco é transformar todos os *voyeurs* em personagens, no mais perfeito sonho de interatividade.

3 Sexo se vende! E vende bem!

Nem tudo possui um final, mas certamente tudo possui um início. Fizemos aqui uma breve história da pornografia cuidadosamente separada em internacional e nacional para que possamos entender de onde veio essa prática e, como as coisas possuem a triste mania de se repetirem, elucubrarmos acerca de seu ainda insondável futuro

3.1 A origem da pornografia

Há quem interprete no mito de Adão e Eva, a liberação – do conhecimento antes inexistente- para o sexo e sua consequência: a procriação. Arqueólogos já encontraram imagens de humanos em atos sexuais em pirâmides, cavernas e ruínas. Talvez as mais famosas imagens arqueológicas de cópulas sejam as encontradas na antiga cidade da Pompéia pré-vesuviana. Aqui vale lembrar também das tradicionais esculturas e pinturas gregas que retratavam os corpos perfeitos de seus guerreiros nus, assim como dar uma passada pelas épocas renascentista e iluminista das artes ocidentais.

Em todos esses casos, havia algo que podemos determinar como pré-pornografia, já que eram obras únicas feitas para a exclusividade de uma pirâmide, de uma caverna, de uma galeria de arte e um mito de pecado. A pornografia em si nasceu com Guttemberg e as massas criadas por sua maravilhosa máquina de tipos móveis. Somente onde há um público massivo pode haver pornografia¹². A partir de então começaram a pulular livros com conteúdo de sexo explícito . A primeira medida oficial¹³ para regulamentar (ou censurar) a pornografia data de 1857 na Inglaterra Vitoriana.

Com o advento dos daguerreótipos e a evolução da fotografia , algumas revistas francesas com mulheres e homens em atos passaram a escandalizar (e atizar) as nobrezas européias. Pouco depois, com o advento do cinematógrafo dos irmãos Lumière, surgiu ao mundo o primeiro filme de sexo da história “*A L'Ecu d'Or*”, uma

¹² Essa é uma discussão importante: com as novidades tecnológicas, vários casais começaram a produzir vídeos próprios para consumo próprio. Contudo, eles não produzem conteúdo pornográfico ao filmar a própria cópula para eles mesmo assistirem, é o público que define a pornografia, não o privado.

produção francesa de 1907 cujo diretor desapareceu nos ires-e-vires da História, e cuja única cópia restante se encontra no Museu Kinsey (WIKIPEDIA, 2007-A).

Kinsey! Alfred Kinsey¹⁴, o homem que tirou o sexo do breu das especulações. Em 1948, após mais de 10 anos de pesquisa e centenas de milhares de entrevistas, ele trouxe à luz o “Comportamento Sexual do Homem Americano” e que, mesmo debaixo de pedras, 5 anos depois lançou “Comportamento Sexual da Mulher Americana”. Pela primeira vez pôde-se afirmar certamente o que as pessoas realmente gostam e fazem no sexo. A partir de então, o Instituto Kinsey (KINSEY INSTITUTE, 2007) atualiza a cada 5 anos os relatórios de sexualidade americana. Era de se esperar que alguém lesse os livros e visse ali uma oportunidade de ganhar dinheiro.

Não demorou muito e o mercado americano começou a receber hordas e mais hordas de revistas especializadas em sexo. O “sexo, drogas e rock’n roll” dos *baby boomers* dos anos 60 obrigou o senado americano a criar leis menos rígidas, e nessa onda a pornografia foi regulamentada, para depois ser proibida novamente e depois ser regulamentada novamente com algumas restrições¹⁵. Aproveitando esse ambiente altamente favorável, em 1974 surge o maior sucesso da indústria pornográfica que se tem notícia: “Garganta Profunda”¹⁶. Lançado em circuito comercial, o filme logo foi taxado de obsceno e retirado de cartaz de muitos cinemas, gerando, assim, um lucro absurdo para os pequenos donos de cinema que ousaram mantê-lo em cartaz.

Ainda na década de 1970 surge a primeira grande revolução da pornografia: o vídeo cassete. Acontece a primeira grande demonstração de poder dessa indústria: inúmeros estudiosos explicam a derrota do ótimo formato Betamax para o mediano VHS através da preferência das produtoras pornô pelo segundo sistema¹⁷. Com a popularização dos VHS’s, o consumo aumentou exponencialmente, pois já não era

¹³ *Obscene Publications Acts* tinha o objetivo de apenas autorizar publicações no Reino Unido que não fossem “Depravadas e corruptas”.(WIKIPEDIA, 2007-B)

¹⁴ Qualquer país que se preze precisa saber o perfil de sua população na cama. No Brasil faz muita falta um relatório oficial sobre o sexo de seus habitantes, números extremamente importantes para qualquer intervenção de saúde séria que o governo precise fazer. E também ultra-necessário para o surgimento de uma indústria pornográfica poderosa.

¹⁵ o filme “O povo contra Larry Flint” exemplifica bem esse período da sociedade americana.

¹⁶ Dirigido por Jerry Gerard e estrelado pela ex-engolidora de espadas Linda Lovelace e pelo recordista mundial em tamanho de pênis à época John Holmes, o filme narra a tosca história de uma moça que nunca atingiu o orgasmo porque seu clitóris ao contrário das outras meninas era localizado no início do esôfago.

¹⁷ Hoje um fenômeno análogo está em andamento: o mercado tecnológico aguarda com ansiedade a escolha das grandes indústrias pornográficas entre o Blu-Ray e o HD-DVD, para saber em qual dos formatos deve investir.

mais necessário ter que se expor indo a salas de projeção voltadas exclusivamente para isso. Com a exponenciação do consumo, houve uma potenciação da produção e começaram a brotar empresas especializadas em sexo. As décadas de 1970 e 1980 são consideradas as décadas de ouro da pornografia e seus símbolos foram elevados a patamares de mitos como John Holmes, Larry Flint, Cicciolina, Linda Lovelace e Georgina Splevins.

Nos meados da década de 1980, outra tecnologia surgiu abrindo novas expectativas para o pornô: as câmeras portáteis. Em teoria, qualquer um podia comprar sua câmera e criar seu filme. Nessa época surge um novo conceito de filme que até hoje faz muito sucesso: o pornô-gonzo*. Ao contrário do que já se havia visto até então, no gonzo, cujo o maior expoente é John Stagliano e a sua Buttman, não há um enredo, um roteiro com falas para serem seguidas, filma-se as cenas com a câmera (e o câmera) participando ativamente da cena.

Nos anos 90, aconteceu uma revolução chamada internet. Os *sites* adultos começaram a brotar por partenogênese e o conteúdo chegava a qualquer lugar sem grandes custos de distribuição. Contudo, tornou-se muito mais fácil também piratear os conteúdos, a esmagadora maioria dos *site* pornôs da rede mundial apenas reproduzia os produtos de quem produzia sexo. Não havia jeito, primeiro imagens e depois vídeos começaram a rodar o mundo freneticamente sem gerar sequer um tostão para as produtoras. Os destaques dessa época foram Rocco Siffredi, Jenna Jameson, Terá Patrick, Peter North e Sylvia Saint, atores e atrizes que apesar de extremamente vistos em ação na internet ainda eram capazes de gerar muitos lucros para suas produtoras com as vendas de seus DVD's- outra novidade da época.

Na mesma década de 90 se consagraram também os canais adultos das tevês por assinatura, propiciando, por um custo fixo mensal, sexo 24 horas por dia, muito mais em conta do que locadoras. Em consequência dessa expansão, surgem outras formas de pornografia como programas, *reality shows*, telejornais, seriados e, até mesmo, novelas, criados para ocupar as grades desses canais.

No final da década de 90 aconteceu um processo análogo ao que havia ocorrido uma década antes: a câmera digital foi barateada. Com internet e câmera digital na mão, muitos empreendedores criaram *site* temáticos num estilo que seria a evolução do gonzo: o *Real Sex**. Formato em que os participantes das filmagens não

necessariamente são atores profissionais e muitas vezes pagam para participar das cenas que são produzidas (todas as cenas simulam serem não-profissionais). Sempre objetivando a internet, essas empresas lucram exclusivamente com as assinaturas dos fãs que desejam adquirir os vídeos. Os destaques são Cum on Her Face.com , BangBros, Colege Fuck Fest, Bitish Bukkake Babes e Mike in Brazil.

Já nos anos 2000, os amadores vão ganhando cada vez mais espaço. Tanto com os *blog's* e *photolog's*, quanto nos *site* de relacionamento (tipo Orkut) versão adulta¹⁸. Porém a novidade tecnológica que promete revolucionar novamente a pornografia são os portais de vídeo (tipo Youtube) adultos que já aparecem em massa na rede, lá qualquer conteúdo pode ser visto em questão de segundos sem a necessidade de ocupar memória no computador do espectador. Além disso, qualquer um pode colocar qualquer vídeo (produções caseiras, montagens, reproduções) lá e permitir que outros vejam sem pagar um tostão. Destaques para Pornotube e YouPorn.

Se mais de 1% da população tivesse computador com capacidade de ver vídeos na internet (memória RAM, banda larga, permissão do governo) essa monografia poderia ser considerada obsoleta antes de entrar no assunto a que se destina, pois aparentemente o futuro da pornografia é não gerar renda para ninguém. Porém, ainda não há uma fatia considerável do mercado com essas inovações em mãos, e, por isso mesmo, muito disposta a investir dinheiro em troca de entretenimento sexual.

3.2 Boca do lixo - nasce um novo cinema brasileiro

Quando os “Suspiros poéticos e saudades” de Gonçalves Magalhães foram publicados, “Werther” de Goethe já comemorava seu sexagésimo segundo aniversário. Sessenta e dois anos separaram o romantismo brasileiro do resto do mundo. Os versos doces, nacionalistas, depressivos, apologéticos, idealizadores e inocentes já caducavam na Europa e aqui os saudávamos como uma saudável novidade. Ah, o romantismo de mulheres idealizadas, sacras, virgens e inalcançáveis...o romantismo das paixões eternas e arrebatadoras. Não estaria na criação do romantismo também a criação da pornografia? Os sábios chineses sempre disseram: quem cria algo propositadamente, cria também o seu oposto inevitavelmente. Não estaria na passividade de Werther o seu duplo? A paixão que obrigou Gilliatz abandonar a própria vida por Deruchette não

¹⁸ O www.adultfriendfinder.com é um dos mais conhecidos

carrega consigo também uma falta de paixão? E a cegueira de Peri capaz de se matar apenas para se transformar em espírito para buscar uma estrela nos céus para sua amada, aí não está presente também o homem rude que nada anseia da mulher desejada além dela mesma? Desconstruindo-se todos os balaústres dos romantismo, chega-se a seu verdadeiro oposto, a pornografia, o grande medo dos românticos e, talvez, sua maior criação.

Retomando o ponto de onde digredimos, assim como as correntes literárias do século XIX, a pornografia sofreu um certo atraso até chegar na “terra onde se plantando tudo dá”. Os arquivos da pornografia no Brasil, se existirem, são escusos. Mesmo após meses de intensa pesquisa chegamos à conclusão que a primeira produção escancaradamente pornográfica no Brasil foram os quadrinhos de Carlos Zéfiro¹⁹ em fins indatáveis da década de 1950. Com suas professoras, enfermeiras, noras e, principalmente, vizinhas, Zéfiro foi o verdadeiro furacão que fez os ventos-sul dos instintos dos brasileiros atingirem zonas de alta pressão nunca imagináveis. A repressão da época cinza de nossa história teve naquelas páginas descoloridas uma grande derrota, suas histórias em quadrinhos (HQ's) não eram subversivas do ponto-de-vista político, mas eram no mínimo ultrajantes do ponto-de-vista moral para um governo que zelava pela incorruptível retidão ética de seus torturadores. Seus gibis toscos e baratos eram encontrados em qualquer banca de jornal de esquina, debaixo de uma caixa de madeira e sem que ninguém soubesse como chegou lá. Zéfiro foi para os brasileiros daquela época amarga, algo muito parecido do que Kinsey foi para os americanos: um professor. Iguais em objetivos, eles apenas optaram por didáticas diferentes: Alfred aplicou com disciplina rigor da matemática estatística, fazendo sexo uma ciência; Zéfiro abusou da criatividade latente para dar traços voluptuosos aos sonhos mais cálidos, elevando o sexo ao patamar de arte. Isso por si só já fala muito.

No meio da década de 70, chegam à nação tricampeã do mundo as primeiras revistas ditas eróticas, apesar da proibição do nu frontal (numa das medidas mais inteligentes da censura) os recordes de vendas foram sucessivos. Também fizeram sucesso nessa época as fotonovelas sexuais escandinavas (coloridas) e brasileiras (preto-e-branco) que corriam clandestinamente pelas mãos adolescentes

¹⁹ Todos os HQ's de Zéfiro podem ser encontrados em <http://www.carloszefiro.com/>

Com a decadência da ditadura e o afrouxo da censura, surge no início dos anos 80 o primeiro filme pornô brasileiro: “Coisas Eróticas” (PORTAL HECO, 2007) de Rafael Rossi e Laerte Callichio. Filho ilegítimo das pornochancadas, o cinema pornô engatinhou no Brasil na mesma Boca do Lixo paulista que foi casa de sua mãe. Até a popularização dos videocassetes no país, a produção era toda centralizada no mesmo espaço que até a década antes produzia os ferormônios que alegravam a nação. O *know-how* dos diretores e produtores de chanchada foi bem utilizado nessa nova empreitada cujos resultados só podiam ser conferidos em cinemas especializados como o lendário “Cine Íris” da rua da Carioca. A farra durou até 1987, quando a dita primeira fase do pornô nacional foi encerrada e os filmes pararam de ser produzidos.

A partir da popularização do videocassete no exterior, os gringos passaram a produzir filmes sobre as bundas maravilhosas de Copacabana em ação. Para aproveitar o grande talento brasileiro, foi necessário treinar algumas equipes por aqui. Foi dessa maneira que a pornografia verde-e-amarela largou o amadorismo e passou a se tornar um negócio lucrativo.

A retomada aconteceu na década de 90²⁰, que foi a década de ouro da pornografia nacional, tudo liberado sem censura, real parelho ao dólar e uma pirataria que ainda engatinhava. Empresas dedicadas à produção e venda de produtos pornográficos começaram, então, a surgir aos montes. Muitas grifes internacionais aportaram por aqui e fizeram as cabeças dos brasileiros com suas musas loiras, peitudas de olhos verdes e que falavam um idioma muito parecido com o inglês. A *dial-internet*²¹ dos anos 90 serviu mais como um *teaser* que impulsionava os consumidores às locadoras ou como um trailer de reconhecimento de atores e atrizes do que propriamente como um inimigo entrincheirado atrás de uma tela luminosa.

As velocidades das comunicações aumentaram exponencialmente enquanto a pornografia se desenvolvia, hoje já não há mais o atraso que se padeceu desde os tempos de Gonçalves Magalhães, agora estamos acompanhando as tendências de muito perto. O que acontece lá fora em menos de um ano se reflete ou se repete por aqui. Com essa afirmação chegamos ao ponto exato que essa monografia deseja abordar, e sem

²⁰ No começo dessa década, a produção pornô nacional limitava-se a editar várias fitas internacionais em uma única. Surgindo, assim, vários filmes com cenas iguais.

²¹ Internet discada, era muito lenta o que atrapalhava o compartilhamento de grandes arquivos, como vídeos.

mais devaneios filosóficos ou *flashbacks*, pedimos a todos que coloquem suas camisinhas morais de lado e mergulhem de cabeça conosco na atual orgia pornográfica brasileira.

4 ANÁLISE MERCADOLÓGICA

É impossível pensar no futuro de um segmento se não soubermos como é o seu presente. Há aqui um pouco dos produtores de pornografia no Brasil, o bastante da lógica dessa categoria e muito dos problemas que ela enfrenta. Começamos a montar um enorme quebra-cabeça e esperamos que ele jamais termine, apenas que as peças relativas a entraves sejam substituídas por outras mais de acordo à excêntrica beleza da figura final desse enorme desafio.

4.1 O mercado brasileiro

Qual a semelhança entre os títulos brasileiros de futebol, a poesia modernista, os grandes musicais, a taxa de gás carbônico e as produtoras de pornografia? Resposta fácil: todos se concentram em São Paulo. Quase todas as grandes produtoras têm sua matriz na maior cidade brasileira. Se houvesse um terremoto em São Paulo, a indústria pornográfica brasileira se reduziria basicamente a legendagem de filmes.

Não há números oficiais para esse segmento do mercado brasileiro, mas uma pesquisa internacional aponta o patamar de 10 bilhões de dólares. Desse dinheiro, a mesma publicação estima que 70% seja relativa a pornografia homossexual e mais de 40% seja arrecado com exportações de filmes para os mercados europeus e americanos. Esse número bruto, vale lembrar também, abrange outras mídias além dos vídeos.

Outro aspecto que precisa ser lembrado é o dos protagonistas do espetáculo. Nos países onde a indústria pornográfica é levada efetivamente a sério é muito comum que seus astros sejam reconhecidos na rua e até mesmo migrem para a indústria de filmes tradicionais²². Dependendo da produção, os cachês dos *top pornstars** chegam a superar em muito os dividendos de bons atores do cinema aberto. Bem diferente disso, aqui no Brasil, os atores e atrizes são praticamente excomungados da sociedade, muitos,

²² Sylvester “*Italian Stud*” Stallone é um grande exemplo disso. Um exemplo inverso seria Tabatha Stevens, a filha de Elisabeth Montgomery na lendária série “a Feiticeira”.

inclusive, não assumem suas profissões²³. Tradicionalmente a situação é mais complicadas para as moças que apesar – e por causa - de serem costumeiramente o centro das atenções dos filmes possuem um salário menor²⁴ e uma rotatividade maior. A regra básica é que os consumidores pagam para ver mulheres novas atuando, e nem reparam nos homens em ação. Isso sem contar que a equipe da produção recebe por hora trabalhada, ou seja, cada “falha” do ator significa dinheiro perdido, por isso logo que se descobre um “talento” com o tamanho e dedicação ideais, as produtoras passam a tratá-los como os touros premiados do fazendeiro: muitas regalias, um bom salário e um pouco de trabalho para não estressar. A faixa salarial varia em torno de R\$1000 por cena para as atrizes e R\$400 para os atores.

Para ser ator pornô basta enviar uma foto para as produtoras e ser um cara talentoso, não se permitem falhas nesse processo de admissão. Outra maneira, é ser recomendado por alguma atriz pornô com quem já tenha feito sexo, o que matematicamente equivale a ganhar na mega-sena sem nunca ter apostado. As atrizes geralmente são garotas de programa que optam por ganhar um extra com os filmes, ou ficarem famosas para aumentar o preço dos programas. Atualmente, a Brasileirinhas está investindo no caminho inverso ao citado no outro parágrafo, trazer “celebridades”²⁵ tradicionais para o cinema pornográfico²⁶. Nomes como Rita Cadillac, Alexandre Frota, Viviane Fernandes, Mateus Carrieri e Gretchen já estrelaram fitas com cachês muito acima dos habituais, e com público idem.

Por limitações financeiras, geradas principalmente pela dificuldade de utilização de bandeiras de cartão de crédito no ramo, os “amadores” e seu RealSex ainda não se tornaram uma realidade no país. Não há um grande e lucrativo site nos moldes dos já citados “Cum on Her Face”(www.cohf.com), “Britsh Bukkake Babes”(www.britshbukakebabes.com) e “Bang Bros” (www.bangbros.com) nas terras onde canta o sabiá. Os amadores daqui se limitam a produções de sucesso entre

²³ A profissão de ator pornô não é regulamentada pelo Ministério do Trabalho, então todos os atores e atrizes são contratados como *free-lancers*.

²⁴ No início das carreiras os salários são menores

²⁵ Independente do que essa palavra signifique em tempos pós-BigBrother televisivo

²⁶ Essa estratégia não constitui uma novidade, Madonna e Britney Spears no auge das carreiras foram convidadas a filmar. Após o surgimento dos reality shows, as pseudocelebirdades viraram um prato cheio para a indústria.

círculos fechados²⁷ ou, mais recentemente, a *blockbusters* exclusivos do “Pornotube”(www.pornotube.com) e do “Youporn”(www.youporn.com).

Não há mais os atrasos e defasagem das tecnologias e legislações, agora a grande diferença entre o mercado nacional e o internacional é econômica. As razões dessa defasagem merecem um capítulo a parte.

4.2 O que atravanca a pornografia brasileira

O Brasil é um país laico²⁸ com mais de 180 milhões de habitantes²⁹, ou seja, em teoria há liberdade de escolher no que se acreditar sem que haja punição. Em teoria, há também um público magnânimo para as produções pornográficas. Mesmo assim, conseguimos a proeza de ter uma fraquíssima indústria de filmes adultos. Por quê?

Muitos citarão a lei de Engels³⁰ ou a pirâmide de Maslow³¹ como se a explicação para algo tão complexo fosse tão óbvia. Infeliz e certamente ainda temos boa parte da população abaixo da chamada “linha da pobreza”, cujo todo dinheiro arrecado é imediatamente transformado em proteínas e açúcares. Contudo os lares que possuem DVD ou videocassete (condição mínima necessária para apreciação de filmes adultos atualmente) já superam a casa dos 80 milhões³², por mais pobres que sejam as famílias que vivam nesses lares, elas têm condição de alugar um filme pornô, mas não o fazem. Preferem investir o mesmo dinheiro que gastariam numa locação (em média R\$3) em uma cervejinha, num jogo de futebol ou até mesmo assistindo filmes tradicionais. Nesses lares a lei de Engels não funciona (ninguém é louco de comprar DVD’s player sem ter o que comer em casa) e a pirâmide de Maslow rui totalmente (abaixo da necessidade de entretenimento, logo acima da necessidade de alimentação e da respiração, está a necessidade de saciar o instinto). Por que, então, um percentual muito pequeno aluga filmes? Preconceito é uma ótima resposta, mas não a única.

²⁷ Aqui vale pensar desde grupos de amigos até a clubes de swing e gang-bang.

²⁸ Constituição Brasileira

²⁹ www.ibge.gov.br

³⁰ a participação do gasto com alimentação no orçamento das famílias declina com o nível de renda. Ver <http://temaseconomia.blogspot.com/2007/03/lei-de-engels.html>

³¹ as necessidades de nível mais baixo devem ser satisfeitas antes das necessidades de nível mais alto. Ver http://pt.wikipedia.org/wiki/Hierarquia_de_necessidades_de_Maslow

³² Idem 29

O mal de Onan³³ parece ressoar nas almas brasileiras, mas como nunca houve um estudo que comprove isso (em mais uma grande demonstração de preconceito³⁴) não será usada essa afirmação aqui. Por isso, abriremos mão da psicologia coletiva e apenas mencionaremos fatos oficiais, que exemplificam, explicam e justificam muito bem o atraso de nossa nação³⁵.

4.2.1 Governo

Diz um famoso poema que a mão que afaga é a mesma que apedreja, a relação do governo com a pornografia não difere muito disso: apesar de autorizar a produção de vídeos com conteúdo, o poder parece querer sufocar aqueles que o produzem. Se não há má vontade, há, pelo menos, indiferença. Afinal, é realmente complicado instituições oficiais cujos membros são impugnavelmente íntegros de caráter defenderem o trabalho daqueles que só sabem fazer sacanagem para as câmeras. Sem mais ironias ou delongas, iniciamos a série (obviamente não pudemos relatar todos) de absurdos que o governo, em todas as suas esferas, permite que aconteça com a pornografia no Brasil.

4.2.1.1 Ausência de dados oficiais:

O primeiro grande preconceito já foi citado, mas sempre vale a pena ser repetido: Nunca houve uma grande pesquisa sobre a atividade sexual dos brasileiros (e se houve, ela desapareceu nos moralismos da história). A ausência de números relativos à sexualidade no Brasil é uma crueldade com quem vende sexo, porém, consiste em um verdadeiro crime contra toda a população. Que base possui o Ministério da Saúde em um caso de disseminação em larga escala de uma doença sexualmente transmissível? Toda prevenção começa no conhecimento dos grupos de risco. É lamentável informar, mas hoje prosperam pesquisas sobre a população com AIDS, com sífilis, com candidíase, enquanto sequer se sabe quais percentuais da população são homossexual, bissexual, heterossexual. Quer ser conhecido pelo Ministério da Saúde? Fique doente. O que custaria colocar uma pergunta opcional sobre sexualidade no censo?

³³ Personagem bíblico que ejaculou na areia e por isso foi morto pelo Senhor. (Gêneses 38:6-10)

³⁴ Dizer que não há preconceito sem fazer pesquisas sobre o assunto apenas o reforça.

³⁵ Samuel Beckett dizia “pode-se ver o grau de evolução de uma nação pelo quantidade de pornografia que há nela”.

4.2.1.2 Ausência de incentivos:

Com a retomada do cinema brasileiro, algumas leis surgiram propiciando ajuda oficial às películas produzidas no país, dentre elas se destaca a Lei do Audiovisual. As ajudas previstas nessa lei não se limitam ao lado financeiro, alcançam também o campo da distribuição, da luta contra a pirataria, da defesa de interesses e do apoio ao crescimento. Todo raciocínio que será descrito aqui está de acordo com a última forma dessa lei, a Medida Provisória Nº2.228-1, de 6 de Setembro de 2001.

“Art 1º para fins desta Medida Provisória entende-se como:

I-obra Audiovisual: produto da fixação ou transmissão de imagens, com ou sem som, que tenha a finalidade de criar a impressão de movimento, independentemente dos processos de captação, do suporte utilizado inicial ou posteriormente para fixa-las ou transmiti-las, ou dos meios utilizados para sua veiculação, reprodução, transmissão ou difusão;

[...]

VI- segmento de mercado: mercados de salas de exibição, vídeo doméstico em qualquer suporte, radiodifusão de sons e imagens, comunicação eletrônica de massa por assinatura, mercado publicitário audiovisual ou quaisquer outros mercados que veiculem obras cinematográficas e videofonográficas.

[...]

Art 2º A política nacional de cinema terá por base os seguintes princípios gerais:

I-promoção da cultura nacional e da língua portuguesa mediante o estímulo ao desenvolvimento da indústria cinematográfica e audiovisual nacional;

II- Garantia da presença de obras cinematográficas e videofonográficas nacionais nos diversos segmentos de mercado;

[...]

IV- respeito ao direito autoral sobre obras audiovisuais nacionais e estrangeiras.

Art 3º Fica criado o Conselho Superior de Cinema, órgão colegiado integrante da estrutura da Casa Civil da Presidência da República, a que compete:

[...]

III- estimular a presença do conteúdo brasileiro nos diversos segmentos de mercado.

Art 5º Fica criada a Agência Nacional do Cinema- ANCINE[...]

Art 6º A ANCINE terá por objetivos:

VI-estimular a diversificação da produção cinematográfica e videofonográfica nacional [...]

[...]

IX- garantir a participação das obras cinematográficas e videofonográficas de produção nacional em todos os segmentos do mercado interno e estimulá-la no mercado externo;

[...]

XI- zelar pelo respeito ao direito autoral sobre obras audiovisuais nacionais e estrangeiras.

Art 7º A ANCINE terá as seguintes competências:

[...]

III- promover o combate à pirataria de obras audiovisuais.

[...]

Art 19 As empresas distribuidoras e locadoras de obras cinematográficas para vídeo, doméstico ou para venda direta ao consumidor, em qualquer suporte,, deverão emitir semestralmente relatório enumerando as obras cinematográficas brasileiras distribuídas no período, número de obras estrangeiras e sua relação, número de cópias distribuídas por título, conforme definido em regulamento, devendo estas informações serem remetidas à ANCINE” (Lei do Audiovisual Online,2007)

Por motivos óbvios de espaço, não colocamos o texto completo da Medida Provisória aqui, no entanto, podemos garantir que, assim como nesse excerto, não há restrição alguma contra os vídeos pornográficos³⁶. Pelo contrário, está lá, escrito na lei, que o Conselho Superior de Cinema deve “estimular a presença do conteúdo brasileiro nos diversos segmentos de mercado”.

Antes que surja a inócua discussão sobre pornografia brasileira ser cultura ou não, vale lembrar que embora não seja, a política nacional de cinema tem obrigação de promovê-la sob o argumento de “promoção da língua portuguesa”. Ou seja, os “ai” das brasileiras devem ser mantidos apesar da forte concorrência dos “oh!” das americanas, e o governo é o responsável por essa manutenção. Ponto final.

Não é preciso dizer que o máximo que a pornografia consegue dos órgãos oficiais que regulam a atividade cinematográfica é a indiferença, e que essa linda lei do audiovisual parece ser útil exclusivamente para os produtores tradicionais. Principalmente quando dizem respeito à defesa da propriedade intelectual, assunto que abordaremos mais à frente. Porém, essas questões se afeiçoam mais com um trabalho de direito do que com um de marketing, não desejamos gastar mais linhas nelas.

A grande questão desse tópico é a possibilidade explícita na Lei do Audiovisual de abater no imposto de renda parte do dinheiro investido na produção de um filme pornográfico. Uma possibilidade aberta há pelo menos 14 anos, mas nunca utilizada³⁷. uma possibilidade que promete revolucionar o pornô nacional, assim como revolucionou o nosso cinema tradicional.

³⁶ Se houvesse, seria uma discriminação oficial, algo como um Apartheid.

³⁷ As próprias produtoras desconhecem essa possibilidade, e nenhum órgão oficial responsável fez questão de divulgar

“Art 49 O abatimento do imposto de renda na fonte, de que o trata art 3º da Lei nº8685, de 1993, aplicar-se-á, exclusivamente, a projetos previamente aprovados pela ANCINE [...]

Art 50. As deduções previstas no artº 1 da Lei nº8685, de 20 de julho de 1993, ficam prorrogadas até o exercício de 2010 inclusive, devendo os projetos a serem beneficiados por estes incentivos ser previamente aprovados pela ANCINE” (Lei do Audiovisual Online,2007)

Agora que descobrimos que foi o Coronel Mostarda, precisamos ir até a biblioteca para descobrir a arma do crime³⁸.

“ Lei nº 8685, DE 20 de JULHO DE 1993

[...]

Art 1º Até o exercício fiscal de 2010, inclusive, os contribuintes poderão deduzir do imposto de renda devido as quantias referentes a investimentos feitos na produção de obras audiovisuais cinematográficas brasileiras de produção independente [...]

Parágrafo 1º a dedução prevista neste artigo está limitada a:

I- a 4% do imposto devido pelas pessoas jurídicas e deve observar o limite de três milhões de Reais.

II- A 6% do imposto devido pelas pessoas físicas e deve observar o limite de três milhões de Reais

[...]

Art 3º os contribuintes do imposto de Renda [...] poderão beneficiar-se de abatimento de 70% do imposto devido, desde que invistam no desenvolvimento de projetos de produção de obras cinematográficas brasileiras de longa metragem de produção independente [...] e de obras cinematográficas brasileiras de produção independentes” (Lei do Audiovisual Online,2007)

Traduzindo do juridiquês: Se uma pessoa ou uma empresa desejar patrocinar um filme pornográfico, ela pode, e de quebra ainda ganha um abatimento na fonte de 70% do valor investido, e depois ainda tem direito a uma dedução de 6% (pessoa física) ou 4% (pessoa jurídica) no valor final do imposto. Um exemplo ajuda melhor entendimento: a empresa x deve pagar R\$100.000 ao fisco. Ela resolve patrocinar com R\$10.000 um filme pornô. Então automaticamente ela passa a dever R\$93.000 (70% de R\$10.000=R\$7.000), e ainda pode deduzir R\$3.720 (4% de R\$93.000).

Difícilmente, empresas desligadas da pornografia vão se interessar em patrocinar filmes do gênero simplesmente por causa desse desconto. Porém, não há absolutamente

³⁸ é inevitável comparar as leis brasileiras com o antigo jogo “Detetive”

nada que impeça outras empresas dos empresários pornô de patrocinarem os filmes e assim diminuïrem suas cargas com o fisco.

Vale lembrar que somente filmes pornô que sejam apresentação primeiramente em salas de exibição (não precisa ser no circuito, basta uma sala) têm direito a esses incentivos.

4.2.1.3 Ausência de regulamentação trabalhística

Em 2004 uma brasileira quase parou a indústria pornográfica americana, e do jeito mais triste possível. Ela foi acusada de ser HIV positivo e ter contaminado um ator americano que filmava por essas terras. Esse ator voltou contaminado sem saber e disseminou o vírus para mais 2 colegas de trabalho, e assim por diante. Solução: afastar todos os possíveis envolvidos das gravações.(TERRA,2007)

Nos Estados Unidos, há uma instituição responsável pelo controle de casos desde o grande surto de AIDS, ocorrido na indústria em 1988. Chama-se “*Adult Industry Medical Health Care Foundation*”(AIM,2007) e sua criação foi uma exigência do sindicato de atores pornográficos. A cada 30 dias todos os atores são testados para HIV, o que permitiu que as filmagens sem camisinha continuassem a todo vapor.

Aqui no Brasil não há um órgão equivalente a AIM, e exatamente por causa disso tal checagem deveria ficar a cargo do Ministério do Trabalho, que deveria garantir as condições de seguranças mínimas para o trabalho. A solução mais simples, a de obrigar todos os participante de filmagens a usar preservativos soaria ridícula, pois, como se sabe, a ausência de camisinhas é um dos grandes atrativos desse mercado e nem sempre há riscos de contaminação. Contudo, o Ministério do Trabalho não pode fazer nada, afinal, a profissão de ator/atriz pornográfico(a) não consta no seu vasto cadastro de profissões. Se você é ator pornô, você não é nada. É um vagabundo que tira dinheiro do chão. Pelo menos, oficialmente.

Caberia, então, ao Ministério da Saúde designar/criar uma instituição para cuidar dos testes desses profissionais, que colocam suas vidas em risco para entreter os meros mortais. Só que o Ministério da Saúde está mal das pernas, e os exames de HIV no Brasil são extremamente caros. Além do que, ele nada pode fazer para os atrizes/atores pornô como grupo, posto que oficialmente eles não existem.

A solução mais prática é a adotada atualmente: as produtoras bancam do próprio bolso teste dos atores junto a clínicas especializadas. Só que, como já dissemos, os testes são caros. Não haveria dinheiro para produção dos filmes se todos os atores e atrizes fossem testados. Então, acaba-se testando unicamente os grandes nomes e deixando os pequenos à roleta-russa. Não entrando no mérito da validade e eficácia dos testes, o que já é discutido exaustivamente no Superpop³⁹, será eficaz uma luz que só ilumina metade do ambiente? De que adianta testar os grandes medalhões, se uma atriz desconhecida contaminar um americano e colocar toda indústria pornô brasileira em xeque?

Parece que algumas produtoras estão preocupadas em se proteger para quando alguma bomba estourar, no entanto, se um dia essa bomba estourar novamente (e é bem provável que estoure), ela não será um NAPALM, que pega fogo, destrói e depois se extingue, mas uma Little Boy capaz de deixar suas marcas por muito tempo depois da explosão. Não adianta nada uma ação pontual, é preciso uma grande ação abrangente e sem erros. Cabe aos Ministérios parar com as visões retrógradas e moralistas (que estão condenando pessoas a situações imorais) e colocar suas capacidades a favor da pornografia, regulamentando o setor e impedindo que a alegria dos espectadores signifique a dor dos artistas do espetáculo. Afinal, não estamos na Roma dos gladiadores, mas no Brasil do século XXI.

4.2.1.4 Ausência de uma política anti-pirataria-

Nesse ponto optamos por fugir do importante mérito direito-advocático da questão, já que, vale lembrar mais uma vez, trata-se de uma monografia de Publicidade de Propaganda.

Convidamos todos a um pequeno exercício de imaginação: suponhamos um mundo muito distante, nesse mundo haverá um país, nesse país o livre-mercado impera, há nesse país um grande artista chamado Gustave Klimt muito apreciado pelo povo local, contudo há uma lei que impede que artistas cujas iniciais sejam “GK” divulguem suas obras. No entanto, a fiscalização só age sobre o pobre Gustave, enquanto muitos outros simplesmente copiam suas obras e as vendem para o público. Moral da história, muita gente ganha dinheiro com a obra de Gustave, menos ele que só consegue vender

³⁹ Programa noturno da RedeTV! Comandado por Luciana Gimenez, e que por vezes tem como principal atração da noite um ator pornô sendo sabatinado sobre suas escolhas.

seus quadros para uns poucos fãs fiéis. A situação se agrava ainda mais quando se sabe que seu irmão gêmeo, Gustav Clint, além de não sofrer as restrições da lei do “GK” sempre recebe ajuda governamental para evitar que cópias ilegais de sua obra sejam vendidas a esmo. Esse país, nesse mundo distante é muito injusto, arbitrário e cruel.

Aqui no Brasil acontece algo semelhante. Há uma lei que obriga que todas as partes ditas pudicas (os principais diferenciais do ramo) das capas de publicações adultas sejam sobrepostas por uma belíssima e ultra-moderna tarja preta, deixando à mostra do consumidor, basicamente, apenas o nome da publicação. Nas locadoras há quase sempre uma recomendação de tirar a capa dos vídeos nas estantes e obrigar os clientes a requisitarem o catálogo com todas as capas do gênero (ou seja, apenas um cliente por vez pode escolher seu vídeo pornográfico)⁴⁰. Isso receberia somente a triste alcunha de lamentável, caso não houvesse uma infinidade de gente no comércio ilegal ganhando dinheiro em cima dessa censura besta.

Camelôs e revendedores à margem da lei não costumam cumprir essas leis. Quando se passa por uma banquinha, pode-se optar com facilidade pela loira siliconada ou pela morena de bumbum arrebitado. Pode-se escolher entre o bem-dotado e o bombado. Entre o um-contrá-um e o *gang-bang*. Tudo de forma escancarada e sem nenhum pudor (e quase sempre com 1 semana de garantia, coisa que as lojas não dão). Não precisa ser gênio para perceber que as restrições legais favorecem os ilegais. Ou existe algum consumidor que prefira comprar às escuras? Se as caixinhas de hambúrgueres viessem com tarja preta, se as latinhas de refrigerante viessem censuradas ou se as lâminas de barbear pudessem ser mostradas na embalagem, o consumidor poderia escolher pela marca preferida. Porém, em um mercado em que as marcas não têm oportunidades para se fortalecerem, como alguém pode escolher sem saber o conteúdo?

A concorrência da pirataria é desleal sem ajuda do governo, quando o governo ainda faz questão de ajudar, a coisa fica realmente preta. Além dessa vantagem competitiva, não há notícia de sequer uma única blitz da Polícia Federal (estimulada pela ANCINE) contra a pirataria pornô. Ou seja, o governo fiscaliza em cima de quem faz a coisa certa, e deixa bem tranquilos aqueles que não pagam impostos e roubam propriedade intelectual alheia.

Como se sabe, a nossa exemplar Constituição proíbe a censura de comunicação, salvo sob algumas exceções. A Constituição daquele país localizado naquele planeta distante faz o mesmo. Lá uma das exceções é aos artistas cujas iniciais são “GK”, aqui, tão arbitrariamente quanto, a exceção é contra quem investe dinheiro legalmente na produção, distribuição ou venda de pornografia. Lá, a polícia repreende quem vende cópias ilegais de artistas com iniciais “GC” e faz vista grossa para os que vendem irregularmente os “GK”, aqui a Polícia Federal se gaba de apreender dezenas de milhares cópias ilegais de filmes do circuito de cinema, mas nunca contou os filmes pornôns apreendidos. Lá as ações do governo parecem não fazer sentido algum, aqui elas efetivamente não fazem sentido algum.

O grande problema do absurdo é que quando estamos inseridos nele acabamos julgando-o como normal. Daí a necessidade do afastamento até um planeta distante. A metáfora citada cria uma situação ridícula para nós que não a vivemos, mas que certamente já estaria arraigada na mente dos habitantes daquele país. Criar uma lei que atrapalhe artistas só porque possuem iniciais “GK” faz tão pouco sentido quanto criar uma lei que atravanque a pornografia⁴¹.

Por que ao entrarmos em uma banca de jornal podemos ver capas de revistas estampadas com drogas, armas, fotos de criminosos, e não podemos ver sequer um seio? Parece que nossas crianças – desculpa-padrão para quase todas as leis moralistas- estão sendo acostumadas para um banho de sangue e tolhidas do sexo. O politicamente correto⁴² deixa de ser tão correto assim quando estimula a ilegalidade e o crime. E é isso que está acontecendo aqui no Brasil com a pornografia. O governo com a pata atrapalha quem faz a coisa certa e com a mão faz carinho em quem simplesmente usufrui do trabalho alheio para ganhar dinheiro. Talvez, depois dessas explicações todas, a situação não pareça tão absurda, e isso é o que assusta mais.

⁴⁰ Aqui há mais uma vez a doce ironia da vida: enquanto vídeos pornográficos são censurados, filmes de terror, guerra, suspense e afins mostram suas cabeças e membros decepados em máximo zoom na capa.

⁴¹ Novamente vale lembrar, que ao contrário do cigarro, das bebidas alcoólicas, dos remédios e dos *fast-foods*, o consumo de pornografia não está associado cientificamente a nenhuma patologia.

⁴² Segundo Baudrillard, junto com a ecologia, uma das “tetras do consenso no século XXI”

4.2.2 Entidades e associações de cinema e vídeo

Existe no Brasil uma associação⁴³ à qual as locadoras, distribuidoras e produtoras de audiovisual devem se filiar, ela se chama: União Brasileira de Vídeo, UBV para os íntimos. Eis como a própria UBV se define em seu site:

“A União Brasileira de Vídeo- UBV – existe para colaborar na elaboração de políticas relativas ao setor audiovisual, combater a cobrança abusiva de impostos e encargos e dedicar esforços para o cumprimento da legislação relativa à produção e comercialização das obras de suas associadas, em todos os seus aspectos, inclusive combatendo todas as formas de pirataria, na reprodução e distribuição de obras audiovisuais.

Interlocutora do vídeo doméstico, atua junto aos poderes Executivo e Legislativo, às videolocadoras, às outras entidades setoriais, públicas e privadas, e ao consumidor, que tem na UBV o canal para fazer suas sugestões, críticas, perguntas e denúncias...” (UBV, 2007)

Voltando do passeio pelo mundo da utopia: a UBV faz tudo isso, sim, e muito bem, contudo simplesmente se dá o direito de não aceitar nada que esteja ligado à pornografia. Ou seja, a entidade que se pretende “Interlocutora do vídeo doméstico”, não tolera o segmento que é doméstico, exclusivo e privado por essência.

A UBV surgiu em 1983, e cresceu tanto que hoje é o principal suporte para quem trabalha com vídeos domésticos. Acabou virando um órgão extra-oficial do vídeo doméstico, ao qual se vincular deixou de ser uma opção para se tornar uma necessidade. Dessa forma, impedir que quem vive da pornografia usufrua dessa máquina transborda a ânfora da escolha para encher a xícara do preconceito⁴⁴. Como, com raras exceções, as produtoras de pornografia não têm o mesmo porte e não possuem salas de exibição para seus filmes como as produtoras de cinema tradicional, esse desprezo fica ainda mais grave: é das locadoras que vem o grosso da renda pornô, e não há ferramentas para se descobrir de quanto é essa renda. Assim como não é possível delinear a lista dos DVD’s pornôs mais alugados. Todavia, filmes como “De olhos bem fechados”, “Moulin Rouge” e “Baixio das Bestas” com conteúdo deveras parecido - mas bem menos

⁴³ Este ano foi fundada a Associação Brasileira das Videolocadoras (ABV) com o objetivo de ser uma opção à UBV. Não sabemos ainda sua forma de tratamento à indústria pornográfica.

⁴⁴ Aqui não pretendemos investigar as causas desse preconceito, não nos interessam suas causas. O que nos importa são sua existência e suas conseqüências.

sinceros, visualmente falando - podem entrar na auditoria da UBV, apenas porque não possuem o rótulo de pornográfico. Para termos noção, tal arbitrariedade equivale à Fundação Getúlio Vargas se recusar a incluir o pãozinho-nosso-de-cada-dia na contabilidade do IGP-M, apenas porque ele é feito com trigo; ou ao IBOPE não levar em consideração as casas com aparelho de tv Semp Toshiba para o cálculo da audiência. Não faz sentido algum, não possui justificativa plausível e não deixa fidedigna a amostragem. Em suma, os óculos do preconceito impede-nos de enxergar a real situação do mercado de vídeo doméstico no país, pois, para UBV, filmes de guerra são mais importantes do que filmes de sexo, apesar de ambos trazerem lucros para os locadores e distribuidores, e entretenimento para os consumidores. Se quiser se tornar um produtor brasileiro de filmes , não faça sexo, faça guerra

Ultimamente a UBV é pródiga no combate à pirataria, são inúmeras e incontáveis as atividades desse tipo que a associação promove junto à Polícia Federal e à Associação Anti-Pirataria Cinema e Música (APCM): Apreensões de DVD's, bloqueio de *site*, impedimento de *downloads*, autuação de camelôs, passeatas e comerciais. Uma rápida pesquisa no Google mostrou mais de 67 mil links associando a UBV à luta contra essa prática criminosa.

Entretanto, se lembrarmos que a UBV se recusa a defender a causa dos produtores pornográficos, essa luta contra a pirataria ganhar contornos de favorecimento a um certo grupo, uma prática igualmente ilegal. Obviamente, quando há blitz anti-pirataria também são recolhidos e destruídos os DVD's pornográficos ilegais, porém é muito raro, quiçá inédito, haver uma blitz motivada pela presença de pirataria pornográfica. É como se fosse uma concessão: só pornografia pode ser pirateada impunemente. Como não há números oficiais, muitos, provavelmente, usarão o argumento de que a pirataria de pornô é muito menor do que a de tradicionais, mas basta dar um passeio pela rua 25 de Março em São Paulo; pela rua Uruguaiana, pelo mercado Saara, ambas no Rio de Janeiro; e pela rua Coqueiro da Piedade no centro de Salvador⁴⁵ para perceber a leviandade dessa afirmação. Em tempos sem “Tropa de Elite”, é a pornografia que sustenta os camelôs.

Não há igualmente nenhuma atuação da UBV contra *site* adultos ilegais e nem contra os *links* de compartilhamento de arquivos piratas do ramo.

É muito estranho várias pessoas e empresas trabalharem no mesmo setor (produção de audiovisual) e somente alguns possuem o direito de serem representadas pelo órgão responsável pelo setor. Não estamos falando de um clube de amigos, que, sim, podem escolher por empatia seus membros, estamos falando de uma associação de empresas, e de prejuízos gravíssimos que a não-filiação a ela traz. O que está em voga aqui é o dinheiro, e, como se sabe, o dinheiro não possui restrições morais-religiosas. Será que a FIRJAN⁴⁶ se recusa a auxiliar a indústria tabagista? Será que o CONAR⁴⁷ se recusa a acatar as reclamações das indústrias de bebidas? Isso porque as pesquisas científicas mais rígidas comprovaram que, ao contrário do cigarro e álcool, excesso de pornografia não mata.

Como a UBV se recusa a mexer com pornografia, os periódicos que tratam da indústria audiovisual brasileira (como a Filme B, a Ver Vídeo e o Jornal do Vídeo) também passam à larga dessa misteriosa praia, dando-lhe destaque, na maioria das vezes, apenas como curiosidade.

Antes de passarmos para a próxima dificuldade, é interessante dar uma olhada no estatuto da UBV, e, se repararmos, lá existem algumas expressões que entram em choque com as práticas da instituição.

“- Dedicar os seus melhores esforços no sentido de aprimorar e fazer cumprir a legislação referente à reprodução e comercialização de obras audiovisuais, **em todos os seus aspectos**, inclusive combatendo **todas as formas não autorizadas de reprodução e distribuição de obras audiovisuais.**”

4.2.3 Pirataria

Vivemos a era da reprodutibilidade técnica da obra de arte, o que por si só já é o suficiente para matar o conceito de arte. Antes, um pré-requisito de uma grande obra-prima era ser incopiável. Hoje, depois da xerocadora, do computador e, principalmente, de Duchamps (WIKIPEDIA,2007-D), obra-prima é ...? A discussão renderia bastante, o importante nela é vermos que o conceito de arte depende das idiossincrasias e vicissitudes de cada indivíduo. Contudo há um ponto-comum na definição

⁴⁵ No site <http://www.correiodabahia.com.br/aquisalvador/noticia.asp?codigo=137190> há uma reportagem mostrando como é fácil o comércio ilegal de pornografia.

⁴⁶ Federação de Indústrias do Estado do Rio de Janeiro

⁴⁷ Conselho Nacional de Auto-Regulamentação Publicitária

contemporânea da arte: só aquilo que é copiado à exaustão pode ser considerado uma obra-prima. O que não possui cópias é porque não possui demanda, e o que não possui demanda, não possui público, e o que não possui público, não é arte.

Pois a pornografia possui muitas cópias! A arte pornográfica é excessivamente copiada a uma velocidade furiosa, de forma que não é possível sequer descobrir sua origem. Faz-se uma fita, dela produzem-se DVD's, copiam-se os DVD's para os HD's, dos HD's criam-se arquivos, dos arquivos nascem links, dos links nada mais possui uma origem, é impossível traçar o caminho inverso. As cópias superam o original em número, em existência e muitas vezes até em qualidade. Um filme produzido no Brasil roda o mundo em questão de minutos, sem que os créditos e os direitos consigam acompanhar seu ritmo alucinante. É a ditadura da cópia da cópia, que convenciamos chamar de pirataria.

Certamente, todas as indústrias do mundo sofrem com a pirataria, mas elas, em sua maioria, têm a vantagem da cópia original⁴⁸ sobre a pirata: o consumidor paga pela garantia de que o amortecedor do tênis não vai danificar seu joelho, de que a bolsa não vai arrebentar durante um passeio, de que o remédio anti-concepcional não foi feito de farinha; paga também pela experiência que só o original pode dar no caso de um copo de Whisky, no caso de um produto de beleza; paga também pela sensação do show original de um cantor, de um bom filme no cinema e de uma linda exposição de quadros. Aqui surge a pergunta: qual a vantagem do original pornô sobre sua cópia pirata? Tirando a honrosa minoria dos profundos admiradores da arte pornográfica, a maioria dos espectadores querem apenas ver o pá-pum. E o pá-pum, o vucu-vuco, o rala-rala, o nheco-nheco hoje é praticamente o mesmo tanto na fita original quanto no *download* via *torrent*⁴⁹, a tecnologia fez diminuir as perdas no processo. Devido a esse aspecto único e imutável, não é exagero afirmar que a pornografia é a indústria típica da pirataria.

Quando não existem diferenças entre original e cópia, somente a consciência ou a justiça podem obrigar o indivíduo a optar pela primeira opção. Quantas consciências são capazes de sobrepujar a economia que uma cópia falsa propicia? Além disso, mesmo se a justiça tivesse alguma vontade de ajudar a pornografia, seria ela capaz de

⁴⁸ cópia original, assim como realidade virtual, são paradoxos inerentes a esse século XXI.

⁴⁹ BitTorrent é um protocolo de processamento rápido que permite ao utilizador fazer download descarga de arquivos indexados em websites. (WIKIPEDIA, 2007-E)

lutar contra tudo e todos? Não é possível evitar, os arquivos piratas já nem possuem uma localização física, estão em todos os lugares e permanecem em lugar nenhum, fazem mitose, meiose e partenogênese, e se proibidos, se censurados, se interditados, se equiparam à hidra de Lerna⁵⁰, surgem mais seis, sete, oito, mil para cada um que sai do ar. A posologia só fortifica esse vírus, devidamente protegido pelo anonimato que a rede impõe e necessita. Essa mesma rede transformou compradores e vendedores na mesmíssima coisa, não há dinheiro envolvido nesse escambo, tudo acontece na base de uma solidariedade universal, um mundo ilógico que os comunistas sonharam⁵¹ e os realistas disseram impossível. A partir do momento que alguém adquire o arquivo na internet (em breve, antes disso) ele passa da condição de adquirente para a condição de provedor, sem que sequer saiba disso. Como resolver e punir isso se, entre outras coisas, o código possui diferentes penas para o provedor e o adquirente? Como acusar de maucaratismo esses ladrões que não roubaram nada⁵², cujos atos se trazidos para fora da internet certamente fariam um mundo melhor? Como descobrir quem são eles, se eles são todos e ninguém?

Fora do mundo virtual (apenas tecnicamente, pois não há mais como se desplugar totalmente do mundo virtual) cópias piratas aparentemente mais fáceis de serem coibidas circulam em feiras, locadoras e círculos de amigos de todos os cantos do planeta. São Cd's e DVD's vendidos, cedidos ou emprestados. É no mundo dito real que encontramos a pirataria típica (aquela que gera lucros para quem faz), porém intrinsecamente entrelaçada com a pirataria virtual e solidária. Aqui fora, a polícia pode prender, repreender e apreender os grandes criminosos que revendem em suas barraquinhas estelionatárias as mídias sem direito autoral feitas por máquinas e procedimentos que eles desconhecem. Para que em 5 ou 10 dias, outros surjam fazendo o mesmo. Os camelôs voltam porque ali está a sobrevivência deles, mas certamente há alguém ganhando um carro importado independentemente dessa brincadeira de polícia-e-ladrão e que dificilmente um dia será encurralado. Por que o pessimismo? Porque esse mundo real já foi impregnado pelo maior dos males do mundo virtual: não há origem! Tudo é origem ! Não se pode cortar o mal pela raiz! Porque tudo é raiz!

⁵⁰ A Hidra de Lerna era um animal fantástico da mitologia grega com inúmeras cabeças de serpente (diferentes versões dizem ser 7, 8, 9 ou até 10 cabeças), que se regeneravam (ou seja, matava-se uma, e surgia pelo menos mais uma). (WIKIPEDIA-F)

⁵¹ É uma suave ironia dizer que isso aconteceu devido à evolução do capitalismo neoliberal

⁵² Um arquivo de computador é física e metafisicamente feito de absolutamente nada

Resta à pornografia tentar ser mais rápida do que seus inimigos (que nada mais são do que seus próprios fãs) e criar novos espaços para si. Resta a pornografia tangenciar o problema e servir como exemplo a todos os outros setores. Tomara que eles não esperem que ela esteja erguida numa cruz para isso, senão pode ser tarde demais, para todos.

4.2.4 Produtoras

Uma das práticas mais comuns (e covardes) é atribuir à própria vítima a culpa pelos males que sofreu. É a menina que foi estuprada porque estava com roupas muito *sexys*. É o idoso que foi assaltado porque carregava muito dinheiro na carteira. É o empresário que teve o braço amputado por causa do Rolex que ostentava no pulso. Analogamente, muitas pessoas acusam a pornografia de ser a grande culpada de ser vista como underground e não-profissional. Como se fosse interessante para esses empresários a imagem de “malandrões que resolvem filmar uma rapaziada fazendo sexo e depois vender”. Se o leitor que chegou até aqui ainda possuir essa idéia, fica a recomendação de que feche esse trabalho e vá curtir uma boa praia. Para todos os outros que já captaram a mensagem, o que se segue são apenas paliativos, que, se tudo que falamos até agora não acontecesse, seriam apenas adendos, extras, diferenciais do segmento. Que, no entanto, devido às circunstâncias atuais, ganharam um status de medidas necessárias para a evolução da indústria no país.

- **Ausência de um Prêmio Nacional de Cinema Pornô:**

Todos os anos em maio um tapete vermelho é desenrolado na Riviera francesa. Pessoas dos mais recônditos lugares se espremem na margem dessa passarela com câmeras, celulares e canetas à mão para conseguir uma recordação de seus grandes ídolos. Em trajes de gala, os mais famosos e importantes atores saem de glamourosas limusines, atravessam esse mar de curiosos rumo ao centro de convenções de Cannes para assistir a cerimônia de entrega dos cobiçadíssimos prêmios. Um desavisado se surpreenderia com as ausências de Brad Pitt's, Tom Cruise's, George Clooney's, Charlize Theron's no desfile pelo *Tapis Rouge*, contudo quase todos que ali estão optaram por deixar de lado a tradicional Palm D'or (que acontece simultaneamente na mesma Cannes) para celebrar junto com Savanna Samson's, Peter North's, Lexington

Steele's, Nacho Vidal's e Jenna Jameson's a entrega do *Hot D'or*, um dos prêmios mais importantes da indústria pornô mundial.

O outro grande (grande mesmo, são mais de 30 categorias) prêmio dessa indústria é mais antigo (foi inventado em 1983, enquanto o *Hot D'or* surgiu em 1992) e talvez por isso seja considerado o Oscar da indústria pornográfica: trata-se o *AVN Awards*, organizado anualmente no mês de janeiro em Las Vegas pela Adult Video News.

Os prêmios cumprem uma função muito importante: ao menos teoricamente eles mostram quem é o melhor na opinião de quem faz (e supostamente entende de) pornografia. Para os leigos, isso é por si mesmo um grande diferencial, ainda que o filme não tenha um grande apelo a priori. Não são raros os filmes que antes de ganhar o Oscar (de Hollywood) possuíam uma carreira medíocre e depois decolaram⁵³. Retornando da analogia, a existência de prêmios, em qualquer setor, gera prestígio e uma mídia natural aos vencedores.

Outro atrativo das premiações é o *mis-en-scène* que eles produzem. Aquele ti-ti-ti antes e depois das festas que as mídias especializadas simplesmente adoram. Por mais que não haja cobertura do evento⁵⁴, há uma curiosidade humana, demasiada humana sobre quem vai ganhar, quem vai perder. Especificamente no caso de prêmios da indústrias pornô, ainda há aquele ar de luxúria e quebra de paradigmas que tanto atrai o grande público.

Outra estratégia bem utilizada foi aproximar as datas da entrega de prêmios da indústria tradicional e da indústria pornô. Quando a curiosidade sobre quem vai ganhar o Oscar⁵⁵ está começando, acontece o *AVN Awards*. Quando a *Palm D'or* torna-se o epicentro dos cinéfilos mundiais, o *Hot D'or* promove sua cerimônia muito menos tradicional e muito mais atrativa. Se isso não é marketing de guerrilha, o que seria? Eles não desejam tomar a atenção do *mainstream* do cinema mundial, apenas aproveitam as forças do *mainstream* para obter atenção e, conseqüentemente, dinheiro.

Observando esses aspectos, percebe-se o quão ilógico é a ausência de um prêmio nacional da indústria pornográfica. Um prêmio, que sem a pretensão de se tornar um

⁵³ Dois casos recentes são: Shakespeare Apaixonado (1998) e Crash (2006).

⁵⁴ Hoje somente a PalyboyTv transmite o *AVN Award* para o Brasil, ainda assim com um atraso de alguns meses.

⁵⁵ O Oscar é entregue atualmente na segunda semana de março e seus candidatos são anunciados no começo de janeiro.

“AVN Awards” ou um “Hot D’or”, prestigie os grandes atores e as mais voluptuosas atrizes dessa classe cinematográfica nacional. Mais ou menos como os Kikitos⁵⁶ fazem.

Difícilmente, principalmente no início, haverá interessados em patrocinar em cobrir uma cerimônia com essas pretensões. É aí que as produtoras precisam se unir e promover por conta própria um festival (ou apenas uma cerimônia) até comprovarem aos incautos que não apoiar esse evento é apenas preconceito bobo. Obviamente, um evento da indústria pornográfica não pode ser igual a um evento do cinema tradicional, deve, sim, seguir os mesmos modelos, mas mostrar ao público algo a mais.

Um evento anual seria a oportunidade para promover essa indústria, um espaço em que ela possa falar sem que haja intermediários. E pensando no número de assinantes, leitores, espectadores de vídeos e revistas do gênero, não seria uma grande surpresa que houvesse uma grande procura. Há uma brecha aqui, e onde há brechas, há potencial para lucro.

Talvez essa idéia soe maluca hoje, essa é a sua principal virtude. Será que alguém achou genial a idéia de um festival de animação quando a indústria brasileira sequer produzia filmes de animação? Hoje o AnimaMundi é sucesso de público e de crítica. A indústria pornográfica brasileira de hoje possui muito mais capacidade e verba para montar seu festival do que a indústria da animação possuía há 10 anos. Faltam apenas coragem e ousadia para arriscar. A palavra arriscar merece ser frisada aqui: por não haver precedentes, igualmente não há garantias de sucesso, contudo já há no Brasil produtoras de eventos capazes de transformar em sucesso de público leilão de bois e exposição de tapetes persas. Será que tornar um evento sobre a maior alegria da nação é mais difícil do que isso?

- **Ausência de uma Associação das Produtoras Pornô:**

Pesquisas indicaram a ABEME⁵⁷ como órgão responsável pela empresas de marketing erótico no Brasil. Sem entrar no mérito da discretíssima atuação dessa associação (seu maior destaque é na organização da Erotika Fair⁵⁸), a indústria pornográfica não pode ser colocada no mesmo saco que a indústria dos *sex-shops*, das

⁵⁶ Prêmio entregue no Festival de Cinema de Gramado (RS)

⁵⁷ Associação Brasileira das Empresas do Mercado Erótico . Seu site www.abeme.org.br possui quase todos os links sem destino e não é atualizado desde 2005.

⁵⁸ Feira de produtos eróticos que acontece anualmente em São Paulo

lingeries sexys e dos *piercings* genitais. Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa.

Fica faltando uma associação com *site*, assessoria de imprensa e informações exclusivas do setor. Nos EUA isso surgiu por iniciativa de terceiros⁵⁹ que resolveram lucrar com as informações da indústria e criaram a revista *Adult Video News* (AVN). A revista cresceu e passou a ser a referência de toda a pornografia americana. Tornou-se um órgão extra-oficial da *porn industry*, comprando a revista, ou entrando no site, em questão de segundos se descobre quem fez ou vai fazer qual filme, quais produtores estão procurando atores e atrizes para testes de elenco, *making offs* e coisas do gênero. A AVN é a porta-voz dos *pornstars*..

Aqui, a realidade pede que as próprias produtoras unam seus esforços e criem algo parecido. Um lugar que, ainda que virtual, mostre tudo que os interessados no assunto desejem. A palavra interessados nesse caso devia ser grafada com 2 cifrões. Transparência é o primeiro passo para o profissionalismo. Essa organização não seria voltada para os fãs (mas também não os deixaria de lado), seu público-alvo seriam os empresários que investem dinheiro com a pornografia. Lá todas as perguntas seriam respondidas e códigos internos seriam criados. Entre os códigos internos poderia se incluir o famigerado e insondável banco de dados dos exames HIV, que unanimemente atores e atrizes usam como argumento para filmar sem camisinha. É necessário uma organização (em todos os sentidos da palavra) muito séria para que uma estratégia tão delicada quanto essa seja levada a sério.

Mas a grande importância de uma organização das indústrias pornô brasileira é servir de interlocutora das empresas do ramo com o poder público. Cobrar mais atitudes contra a pirataria, discutir leis específicas para seu negócio, fazer lobby contra o preconceito aos profissionais da área e marcar em cima dos aventureiros de plantão (dando a merecida credibilidade para quem realmente trata a pornografia como um negócio) seriam os primeiros atos dessa instituição.

Certamente para a pornografia brasileira, não cabe a máxima do Dr. Jack⁶⁰ Shephard : “viver juntos ou morrer sozinhos”. Até hoje as produtoras conviveram como se fossem feudos independentes e sobreviveram. Contudo, uma mentalidade de fazer o

⁵⁹ Houve aqui uma tentativa de terceiros de criar uma Revista sobre o mercado pornô, a Ver Vídeo Erótico, que já não mais existe.

⁶⁰ Personagem de Matthew Fox na série *Lost*

bolo crescer para que cada um abocanhe um pedaço maior é urgente. Somente uma nova mentalidade pode abrir novos horizontes e impedir a saturação do mercado.

4.3 Quem vende sexo no Brasil

Antes de traçarmos um perfil da pornografia como negócio, vale falarmos um pouco sobre as principais empresas do ramo no Brasil. Como não há dados representativos, chamamos de principais as empresas mais presentes nas praças de venda. Abaixo um pequeno resumo de cada uma, em ordem alfabética:

- **Brasileirinhas** (www.brasileirinhasnet.com.br)- Como o próprio nome diz a Brasileirinhas, fundada em 1997 pelo produtor Luiz Alvarenga, possui em seu catálogo apenas filmes 100% nacionais. Ultimamente a produtora paulista vem ganhando destaque pelo recrutamento de celebridades para os seus filmes calientes.

Devido ao sucesso de seus famosos, algumas locadoras possuem filas de espera para seus filmes, que conseqüentemente se transformam em blockbusters do gênero. Trabalham tanto com o pornô gonzo, como com histórias, como com apenas cenas de sexo entre quatro paredes. Alguns filmes possuem teor homoerótico, bizarro e zoofílico, buscando atingir os mais diversos públicos.

Eis algumas celebridades que já protagonizam cenas de sexo pela produtora: Alexandre Frota (o pioneiro desse tipo de transição), Matheus Carrieri, Rita Cadillac, Gretchen, Vivi Fernandez e o Anão do pânico.

A Brasileirinhas possui uma grande vantagem competitiva nesse mercado, além de possuir uma produtora própria, possui também uma distribuidora para os seus filmes. Diminuindo, assim, o número de intermediários e aumentando seus lucros.

- **Buttman** (www.buttman.com.br)- Fundada nos fins da década de 1980 pelo inventor do pornô gonzo, John “Buttman” Stagliano, a grife Buttman chegou ao Brasil em 1993 pelas mãos do empresário Stanlay Miranda. No início, a filial brasileira (sediada em São Paulo) era voltada majoritariamente para divulgação de seus filmes internacionais da empresa no Brasil.

Atualmente, ainda há uma massiva importação de seus filmes, contudo a produção nacional de filmes pela grife cresce ano-a-ano. Mestres do *hardcore**, a

Buttman faz questão de mostrar tudo e não esconder nada. Seu estilo de filmagem costuma ser o gonzo, onde o câmera (sempre armado de uma digital portátil) participa da cena livremente. Por isso mesmo, o foco da Buttman costuma ser nos seus consagrados diretores.

Há 3 anos entrou no ar, através da TVA, a Buttman TV, canal adulto com produções da empresa 24 horas. Contudo, sua exibição é muito restrita devido à baixa penetração da TVA nos domicílios brasileiros.

- Panteras (www.aspanteras.com.br)- Criada em 1992 pelo jornalista Ricardo Renault, é a grande pioneira da chamada 2ª fase da pornografia brasileira. Devido a uma legião de 70 vendedores espalhados por todo Brasil, dificilmente se encontram locadoras sem um DVD da marca.

É a única produtora cuja sede fica no Rio de Janeiro, e também a única com um estúdio e equipamento próprio. Seus filmes costumam ser mais os refinados no quesito artístico, com um roteiro, um tratamento de luz, um figurino e uma trilha sonora específica. Quase todas as produções da empresa possuem uma história. Tradicionalmente a Panteras é a produtora que mais costuma dar oportunidade aos novatos no ramo, e por isso mesmo quem costuma lançar ao estrelato os grandes nomes da pornografia brasileira.

- Planet Sex (www.planetsex.ig.com.br) -Uma das marcas do imenso guarda-chuva da Sexxy. Produzida em forma de revista com DVD encartado para as bancas de jornais, a Planet Sex é sem dúvidas a marca campeã de vendas dos vídeos pornôns nacionais. Seu preço baixo (R\$20 em média) e a grande penetração devido às bancas de jornais ajudaram muito para esse sucesso. A revista é bem parca (apenas um editorial e um pôster das meninas do filme), deixando a impressão de que, apesar de anunciado nas bancas como “revista + DVD grátis”, o produto principal da publicação é o filme. Ficando a revista como um bônus, ou uma justificativa para a presença do material em uma banca de jornal.

- Sexy Hot (www.sexyhot.com.br)- Nascido em 1996 como o primeiro canal adulto do Brasil, o Sexy Hot no começo não ganhou um grande tratamento de sua

mãe Globosat. Era deixado escondido numa salinha da empresa, contava com apenas 2 funcionários e se limitava a transmitir filmes. Com o tempo, o canal foi se tornando conhecido e aceito pelos assinantes das operadoras de tv por assinatura Net e Sky, e a grande mãe percebeu que bastava um pontapé para o canal decolar. A mudança para uma grade vertical (cada dia teria um tema) em vez de horizontal (todo dia a mesma hora passa o mesmo programa), o uso da mala direta, publicidade nos programas da casa e uma reestruturação da imagem do canal foram suficientes para transformá-lo de deficitário em lucrativo. Durante nossa pesquisa foi anunciada a união do Sexy Hot com a Playboy Tv para o surgimento da maior rede latino-americana de sexo via tevê por assinatura.

5 OS P'S DA PORNOGRAFIA BRASILEIRA

Como toda indústria, a pornografia possui seus p's de marketing. Ainda que não os conhecendo tão profundamente e, por isso mesmo, não os utilizando até o máximo de suas potencialidades, eles existem e servem como um ótimo fio de prumo.

A análise subsequente não se pretende definitiva nem universal, trata-se apenas de um retrato, o que, como todo retrato, depende do objeto, da luz, da câmera e do fotógrafo. Ou seja, não é a fidelidade com o que acontece na realidade da indústria o mais importante aqui – isso seria impossível mesmo que o trabalho contasse com 500 páginas-, mas as novas possibilidades e horizontes que serão abertas por essa fotografia. Pois como se sabe, o que realmente importa em qualquer foto não é aquilo que o fotógrafo tentou fotografar, nem aquilo que a luz mostrou, muito menos o que a câmera captou e tampouco o objeto como ele é em si, o importante da foto, aquilo que a faz grandiosa e única são as sensações e reações criadas por ela, é o barulho que seu silêncio levanta, é o caos que sua beleza evoca, é o pensamento que sua leviandade produz.

Por favor, olhem com carinho o retrato que se segue, porque sem seu olhar e seu pensamento, ele só se diferencia de um papel qualquer por alguns *pixels* pretos aleatoriamente arrumados.

5.1 Preço

Do inglês *price*. Processo de definição de um preço para o produto, incluindo descontos e financiamentos, tendo em vista o impacto não apenas econômico, mas também psicológico de uma precificação. (WIKIPEDIA, 2007-C)

Aparentemente, o preço não é uma variável muito importante para essa indústria (dizemos “aparentemente” porque não nos foi mencionado em momento algum uma política de preços mais complexa). Não há uma briga de preços como as geralmente vistas em outras *commodities* como a telefonia, a telefonia celular e as lojas de departamentos.

Os cálculo do preço é simples, de forma que qualquer economista ficaria irritado: Custos de produção + Cachê dos artistas + Impostos + Custos de manutenção da empresa + Distribuição + Lucros. Chegando a esse montante total, divide-se pelo número total de filmes feitos no mês e descobre-se os preços de todos eles. Simples e seguro. Quando o complexo e arriscado é sempre muito mais lucrativo. Todos os filmes de cada produtora custam o mesmo tanto, salva uma exceção. Há claro, como em qualquer negócio uma política de promoções, que iremos abordar mais na frente, mas não há uma segmentação de preço por produtora, ou ainda, uma segmentação de preço em cada produtora.

Vale lembrar que os diferentes preços cobrados na internet, na banca de jornal e no *sex-shop* não devem ser considerados como segmentação de preço, mas como uma característica intrínseca de cada uma dessas praças. A segmentação de preços a que nos referimos, se assemelha à dos livros: há editoras especializadas em vender *pocket books*⁶¹, há empresas que vendem *pockets* e livros normais, há empresas que só vendem livros normais e há empresas que somente vendem livros de luxo. Há consumidores para cada uma delas. Não deve ser muito diferente com o público de pornografia⁶².

A única exceção de preço reconhecida pelas produtoras é a das celebridades. As empresas que filmam os famosos geralmente os põe à parte do cálculo citado anteriormente. Os filmes deles devem se pagar e gerar lucro (muito lucro por sinal) independente dos outros filmes menores. Ou seja, essas empresas trabalham com duas faixas de preços: celebridades e não-celebridades. A primeira sendo 40% mais cara do que a segunda.

⁶¹ livros menores e mais baratos, geralmente apenas com o texto original.

Quase todas as indústrias já perceberam a importância que a segmentação de preço possui. Duas exceções que merecem ser citadas são a pornográfica e a fonográfica: poder comprar um CD bem mais barato apenas com as 5 músicas que gostamos parece um sonho tão distante quanto poder adquirir um DVD pornográfico com apenas 2 cenas. Enquanto a Coca-Cola vende latinhas de 100ml; a Heinz, sachês de ketchup; a R&B, repelentes com apenas 5 doses; os empresários do pornô e da música oferecem um único pacote, inflexível e com preços padronizados.

Na crítica feita aqui não há ensejo algum de desprezar ou diminuir as estratégias desses corajosos empresários. O que pretendemos é apenas dar asas para vãos mais longos de todos eles. Sabemos muito bem, e tentamos passar a todos através desse trabalho, das dificuldades que eles enfrentam para poder recuperar o investimento que fizeram. Dessa forma, sabemos também que nesse mercado a palavra “arriscar” ganha contornos suicidas, é preciso fazer tudo (ou quase tudo) da forma mais segura possível. Porém, quando o todos reconhecerem o profissionalismo dessa indústria, a segmentação de preço será simplesmente inevitável e os pioneiros, como sempre, serão devidamente recompensados.

5.2 Praça

Do inglês *placement*. Preocupa-se com a distribuição e refere-se aos canais através dos quais o produto chega aos clientes, inclui pontos de vendas, pronta-entrega, horários e dias de atendimento e diferentes vias de compra. (WIKIPEDIA, 2007-C)

A pornografia chega legalmente aos consumidores brasileiros através das seguintes praças:

- Banca de Jornal

No meio das dezenas de revistas adultas, a Planet Sex se destacou com o diferencial de oferecer um vídeo grátis. Com o tempo, surgiram outras publicações semelhantes que desapareceram na mesma velocidade com que brotaram.

Os preços oferecidos nas bancas giram em torno de R\$20, e o jornaleiro lucra 35% desse valor. Em outras palavras: é o jeito mais barato de se adquirir material

⁶² Mais uma vez a ausência de dados sobre o público-alvo, nos impede de passar da especulação para a garantia.

pornográfico no país. Contudo, todo barato tem seu preço, e o da banca de jornal é a desagradabilíssima sensação de poder ser visto por qualquer passante, de ter que esperar alguém comprar seu jornal ou de esbarrar com alguma criança comprando seu álbum de figurinha

Nas bancas, devido às estonteantes capas pretas que a legislação impõe, o consumidor é obrigado a desenvolver a técnica de adivinhação da beleza das(os) modelos pelo cabelo (única coisa geralmente visível além do nome da revista), já que não há possibilidade de troca após o material ter sido aberto.

Alguns jornaleiros visionários já adotaram sacolas plásticas opacas para facilitar a vida de seus clientes, uma vez que não há outra forma de privacidade – ambiente perfeito para a compra do produto- para oferecer em suas bancas.

- Internet

O que há 10 anos prometia ser a cornucópia mágica do pornô, hoje se transformou numa pequena vieira: fica-se exaustivamente esperando que dela brote uma pérola de vez em quando. Nos EUA, como já foi dito no capítulo sobre a história da pornografia, de uns 5 anos para cá surgiram grandes *site* especializados em sexo e voltados exclusivamente para os internautas, que através de uma mensalidade média de U\$18 ficam autorizados a baixar todo o conteúdo do *site*. No Brasil, por causa da ainda baixa disseminação da banda larga, pelo desábito do uso de cartão de crédito em compras *online* e, principalmente, pela recusa das bandeiras de cartão de crédito em se misturar com o conteúdo pornô, não há rigorosamente nenhuma grande página de conteúdo adulto nesses moldes.

O que existe em nosso país são páginas de vendas de filmes como a MegaErótica, a Sextoy e a Videouxxx (essas são apenas as 3 primeiras opções das 16,200,000 que o Google Brasil oferece para “DVD pornô”). Ou os *site* das próprias produtoras onde se pode comprar os mesmo filmes oferecidos nas locadoras. É a internet sendo usada para vendas diretas no melhor (?) estilo “0-11-1406”: sem nenhum tipo de interação ou interatividade. “Apenas entre em contato para pedir o seu produto ou deixar sua sugestão”.

Falta aqui uma inovação, uma ousadia. Algo mais do que colocar meninas para tirar a roupa na frente da *webcam*, isso era muito legal e inovador há 10 anos. Falta criar

site nacionais especializados nas mais diversas artes do sexo (desde de Bukkake ao Water Bondage*), que seriam sustentados pelas mensalidades e participação (inclusive atuando, pois é o que eles querem: interagir) dos sócios, fãs e admiradores. A utilização da internet com todas as suas potencialidades é um grande passo para a evolução da pornografia na terra onde gorjeia o sabiá. A criação de nichos gera altos índices de fidelidade, pois traz uma identificação, um carinho por parte do consumidor: quem vai querer piratear aquilo que ajudou a fazer⁶³? Fica aqui totalmente escancarada a porta de um novo e promissor mercado para o gênero.

- Locadoras

Essa praça, atualmente, é a menina dos olhos da indústria pornográfica. O que se considerarmos as perspectivas futuras de TV digital e da internet 2.0 soa como um triste erro. É um lugar-comum que o mercado de locação de vídeos domésticos está em retração em todos os cantos do planeta. Não estamos sendo fatalistas e inocentes que prevêem o fim das locadoras, apenas nos parece claro que elas diminuirão suas importâncias. E quando isso acontecer, o que será da pornografia brasileira?

Quando os executivos das produtoras têm um vídeo finalizado em mãos, a primeira coisa que eles fazem é acionar sua força de vendas para as locadoras. É nas locadoras que os filmes se pagam e geram lucros para as produtoras.

Certamente, isso ainda é uma boa opção: as classes sociais mais baixas (maioria absoluta no país) não têm acesso às outras praças, e, mesmo quando têm, os preços soam proibitivos. Para eles, vale mais alugar um filme de, em média, R\$4, do que adquirir um de R\$20⁶⁴. Porém os números internos das grandes produtoras já indicam uma significativa queda de vendas nas grandes cidades do país: algumas locadoras urbanas já nem compram mais DVD's desse tipo. Por que alguém com internet banda larga e TV a cabo exporia sua privacidade indo até a locadora de seu condomínio alugar um filme de sacanagem?

Esse é o ponto onde o fio de prumo começa a se desequilibrar.

⁶³ seja participando das cenas, enviando comentários ou patrocinando com a mensalidade.

⁶⁴ Se quiser gastar R\$20 com pornografia, ele aluga 5 filmes diferentes.

- Motel

Ao ler “motel” nesse tópico, deve-se pensar não nas acomodações (que, como já destacamos, nada têm de pornográficas), mas somente em suas redes internas de TV Adulta.

Os motéis que não contam com TV por assinatura em suas televisões costumam criar um canal extra somente com material de estímulo a seus clientes. Tradicionalmente são programações de 6 horas (período padrão dos motéis no Brasil) compostas unicamente por filmes.

Infelizmente no decorrer dessa pesquisa não alcançamos os contatos de quem produz essas grades. Podemos somente afirmar que elas são extremamente maçantes para qualquer um que resolva pernoitar na localidade, pois a partir de certo ponto a repetição torna-se inconveniente.

Antes de fechar o tópico, é interessante ressaltar a brecha que há aqui: Por que não propor uma rede integrada de câmeras e TV’s dentro dos motéis de forma que a programação não se repetisse jamais? O motel dos exibicionistas e voyeurs, onde nunca se sabe se está sendo visto e por quem. Um motel onde os hóspedes podem brincar de artistas e ter seus quinze minutos (ou seis horas) de fama e sucesso ininterruptos gravados para toda a eternidade. Parece um exagero, uma suposição deveras exacerbada, e certamente o é! Mas em tempos de BigBrother, de Orkut, de YouTube, de YouPorn há muita gente disposta a pagar pelo excesso máximo de nossa sociedade: perder sua privacidade.⁶⁵

- Sex-Shops

Considerados o apogeu do sexo, os *sex-shops* estão em alta no Brasil. Depois de um início tímido, em que as poucas lojas eram taxadas de imorais por grande parte da sociedade, hoje há uma disseminação flagrante dessas lojas especializadas em vibradores, fantasias, bonecas infláveis, roupas íntimas, óleos afrodisíacos e objetos com formatos fálicos. Ah, sim: geralmente essas casas possuem também um acervo de filmes pornográficos.

⁶⁵ Note-se que não propomos a prática criminosa de inserir câmeras escondidas justificadas pelo ridículo “sorria, você está sendo filmado”. A proposta é muito mais simples e clara: um motel que se divulgue explicitamente pela sua rede interna interativa, onde todos que ali se insiram virem voyeurs e

É nos *sex-shops* que encontramos os preços mais altos para os filmes do gênero (em torno de R\$100 cada DVD). Comprar um filme pornô num *sex-shop* equivale a comprar uma calça na Daslu: paga-se mais pela sensação de estar comprando algo exclusivo. É o preço do status, da diferenciação, da garantia. É o ponto chique da patifaria. É um filme único que ninguém mais tem. Ao menos na ilusão do consumidor.

(Os *sex-shops* são não só o apogeu do sexo, mas também o do marketing. Quem consegue vender 200 gramas de látex por mais de R\$100⁶⁶ é capaz de qualquer coisa. Eis um bom tema para um bom tratado de marketing.)

Quanto à parte que nos cabe, os *sex-shops* mexem muito mais com erotismo do que com pornografia. A grande prova disso é que suas vendas de filmes representam apenas um pequeno percentual da renda obtida pelas produtoras pornôs brasileira.

- Tevê por assinatura

Há no Brasil hoje vários canais de sexo por assinatura, entre eles destacam-se: Sexy Hot, Playboy Tv, Buttman TV, Canal Adulto, Vênus e For Man. Não há dúvida nenhuma de que entre todas as empresas de pornografia as de TV cabo são as mais profissionais. Menos pela competência dos profissionais envolvidos (em todas as instâncias temos bons e ruins profissionais), mais pelo foco no negócio. Quem trabalha com TV por assinatura não tem que se preocupar se o ator vai dar conta do recado, se a atriz vai desistir em cima da hora, se a luz está funcionando direito, se a história vai ser boa... nada disso, lá é apenas uma empresa tipicamente falando, não há envolvimento com as produções (tirando exceções, é óbvio), são apenas intermediadoras de conteúdo.

Nos primórdios desse tipo de negócio, não havia interação alguma com o público. Colocava-se uma programação de filmes no ar e pronto, trabalho feito. Hoje, a cada vez mais uma diversificação de produtos nessa seara. São *reality shows*⁶⁷, jornais, bastidores, entrevistas e muita participação direta do público, seja escolhendo o que quer ver seja efetivamente participando como veremos mais à frente.

exibicionistas ao mesmo tempo. Todos os que ingressarem ali saberão onde estão pisando e gostarão disso.

⁶⁶ Preço dos consolos em <http://www.planetsexshop.com.br/main.asp>

⁶⁷ “Who will be the next pornstar?” é um exemplo típico

Seus preços proibitivos (só entram nos pacotes mais caros das distribuidoras de TV por assinatura) fazem-nas as maiores vítimas das chamadas Gatonet's, retransmissões piratas de tv por assinatura.

Apesar da pirataria, esse é setor da pornografia que cresce mais visivelmente (afinal, é o único auditado diariamente).

5.3 Promoção

Do inglês *promotion*. Inclui a propaganda, publicidade, relações públicas, assessoria de imprensa, boca-a-boca, venda pessoal e refere-se aos diferentes métodos de promoção do produto, marca ou empresa. (WIKIPEDIA, 2007-C)

Aqui está o ponto no qual a indústria pornô brasileira ainda é tímida. Principalmente devido aos entraves morais e legais, que restringem em muito a divulgação dos produtos na forma de publicidade paga. Veículos de comunicação ditos não-pornográficos pela lei não podem conter anúncios relativos à pornografia. Restando apenas os próprios veículos do meio pornô, ou seja, os próprios concorrentes. Como construir uma marca assim? Como se diferenciar? Como mostrar para o consumidor sua qualidade?

Obviamente, há tangentes nesse círculo vicioso, e a assessoria de imprensa é a principal delas. Há dois exemplos significativos de bom uso da assessoria de imprensa nesse segmento: o caso Carlyne Ferreira do Sexy Hot⁶⁸ e o caso Alexandre Frota da Brasileirinhas⁶⁹. Como não é nosso objetivo a análise dos casos, mas sua utilização, abaixo segue apenas um pequeno resumo de ambos:

- Caso Carlyne Ferreira Sexy Hot: Quando a Globosat percebeu o filão do sexo por assinatura e decidiu remodelar a estrutura desse canal, surgiu a necessidade de uma identidade, de uma cara que representasse o canal. A mineira Carlyne Ferreira foi a escolhida. Seu papel era apresentar alguns programas e fazer blitz em locais que o público do canal sonhava conhecer como casas de *swing**, *termas**, estúdios de gravação de filmes e clubes sadomasoquistas*. Além dessas funções mais apimentadas, Carlyne passou a entrevistar famosos e distribuir preservativos em espaços VIP's. Tudo com extrema classe e bom gosto. Em pouco tempo, ela própria se tornou uma celebridade-sinônimo da marca que representa (algo como o baixinho da Kaiser e o

⁶⁸ Muito bem estudado e documentado no livro "Sexy Hot: um case de Sucesso"

⁶⁹ Falta um bom estudo sobre esse genial case de marketing.

Garoto Bombрил), uma embaixatriz do Sexy Hot. Agora, a presença de Carlyne atrai mídia, gera notinhas em colunas sociais e, inevitavelmente, faz reclame do Sexy Hot.

- Caso Alexandre Frota: A conturbada carreira de Alexandre Frota na televisão parecia estar em decadência quando em fins de 2001 ele aceitou a proposta de Sílvio Santos e se trancou junto a outros pseudo-famosos na “Mansão do Anhembi” durante quase 2 meses para a produção do primeiro *Reality Show* da tv brasileira, a Casa dos Artistas. Durante o programa, Frota fez questão de se mostrar um Bad Boy: bebeu, fumou, paquerou, abandonou a casa, voltou a casa, simulou atos sexuais e foi o destaque do programa vencido por Bárbara Paz. A imagem de Bad Boy ficou consagrada, o que atrapalhou a sua carreira nas politicamente corretas emissoras de tv. Depois de um sumiço, ele reapareceu nas principais mídias de fofoca com um novo rebuliço: teria assinado um contrato para ser ator pornô. A partir desse *teaser*, começou sua peregrinação por diversas mídias para debates insossos sobre se foi certa ou errada sua decisão, para condenações públicas ou só para saciar a curiosidade dos expectadores. No melhor estilo wildeano “falem bem, falem mal, mas falem de mim”. Depois dessa enorme expectativa, o resultado não podia ter sido outro: recorde de vendas (apesar do filme não ser dos melhores). A partir de então, vários outros famosos aceitaram convites semelhantes ao de Frota, e passaram pela mesma peregrinação, e obtiveram resultados muito parecidos, quando não melhores. Hoje, entre os admiradores da pornografia, fica uma curiosidade sempre no ar: quem será o(a) próximo(a) Alexandre Frota?

Há outras formas de divulgação das marcas pornôs, a grande maioria delas esbarra no dilema da interatividade: querer se ver como estrela pornô/medo de ser reconhecido como tal. Algumas das mais interessantes estratégias desse gênero são os programas “Assinante Garanhão”, “Ao vivo no Paraíso” e “Meu querido Don Juan” todos do Canal Adulto (CANAL ADULTO, 2007), onde respectivamente um assinante é convidado a ser filmado transando com uma atriz da casa, para dirigir uma cena com atores e atrizes via telefone e uma assinante é convidada para dirigir uma cena de sexo. Trazer os espectadores para participar é algo revolucionário, ousado e corajoso, afinal, não é fácil, nem mesmo para os profissionais, corresponder às expectativas quando há várias luzes, câmeras e pessoas ao redor.

Por isso, outra opção de interatividade é usada mais comumente pelas empresas que trabalham no ramo: os relatos (em sua grande maioria anônimos). Quase todas as

produtoras possuem um espaço em seu *site* onde o cliente pode postar suas histórias e mentiras. Nesse ramo, se destacam “As Panteras” que habitualmente filmam as melhores histórias relatadas por seus fãs e a “Buttman” que se associou com uma espécie de comunidade à la Orkut chamada Convento das Safadas (BUTTMAN, 2007) onde os participantes relatam seus pecados (inclusive com fotos e vídeos) e interagem entre si.

Entre as promoções, há também espaço para os materiais de ponto-de-venda e descontos no preço. Entretanto, o grande filão dessa indústria como já falamos no começo é a possibilidade da abertura das portas para os espectadores, essa expectativa que até 10 anos era irrealizável e agora surge como a grande força-motriz do gênero. A mescla entre celebridades tradicionais e celebridades pornô, de espectador e ator, de assinante e diretor, de mentiroso e roteirista, todos esses casos mostram que a antiga sensação de que a pornografia é um clube fechado e exclusivo para eleitos, para super-homens e super-mulheres está ruindo. Não há mais limites, os personagens vão ganhando dimensões reais, ou as dimensões reais vão ganhando tons de personagens. O grande risco dessas atividades de marketing, como já dissemos, é que um dia todos virem atores e atrizes pornô acabando, assim, com o público da pornografia e conseqüentemente com ela mesma, ou, o que é mais assustador - não para a indústria pornográfica, mas para a espécie humana em si - , é que um dia a pornografia faça tanto sucesso que toda relação sexual humana seja pornográfica, com fins unicamente hedonistas e plutocráticos. Se a ironia não souo tão engraçada quanto deveria, pedimos desculpas. O triste das piadas de humor negro é que muitas vezes só achamos graças quando elas acontecem realmente.

5.4 Produto

Do inglês *product*. A gestão de produto lida com especificações do bem (ou serviço) em questão e as formas como ele se relaciona com as necessidades que o usuário tem. (WIKIPEDIA, 2007-C)

Quando Hollywood faz um filme, lá se vão 2 anos (quando rápido) entre a primeira linha escrita do roteiro e a escalafobética pré-estréia mundial. Eles têm tempo, porque não lhes falta dinheiro. Um filme pornô brasileiro demora em torno de 4 meses entre a idéia e a chegada nas locadoras. Desse tempo, a maior parte é gasta na sala de edição, em sua única semelhança com Hollywood.

Como já foi visto, cada produtora possui sua especificidade de produto, entretanto há um padrão em todas elas: precisam fazer um número fixo de filmes por mês para se bancarem. Essa obrigação acaba com o processo artístico, que conceitualmente exige tempo, e separa os profissionais dos espertões. Não há tempo a perder, é preciso pensar, filmar e editar hoje o filme que vai sustentar a empresa daqui a quatro meses. Com toda essa pressão, o processo criativo diminui e a qualidade dos filmes caem. Os roteiros são fracos, mal-amarrados e muito pouco inovadores, mas o público não reclama. Afinal, além de não terem como reclamar, aparentemente nada disso os importa.

Para quem nunca viu um filme pornô não nos acusar de preconceito, segue uma descrição padrão:

- Filmes com história: geralmente centrados em uma relação proibida, ou ao menos complicada. Professora-aluno, mãe-filho, vizinho-vizinha, tio-sobrinha, cunhado-cunhada, criminosa-policia são alguns dos temas mais abordados. A história em si nada tem de complexa, é nada mais do que uma grande desculpa para materializar desejos censurados. As cenas de sexo começam em situações pitorescas, que raramente – excetuando os privilegiados – acontecem. Ninguém sabe dizer não, todos ali se atraem magneticamente. As cenas de sexo são obviamente o ponto central do roteiro, que se desenvolve sempre imediatamente antes ou depois das relações, não há cena que não comece ou termine sem sexo.

- Filmes sem história: são majoritariamente de dois tipos, ou voyeur, ou gonzo. A diferença básica está no posicionamento não da câmera, mas do câmera. No filme *voeyur*, o câmera é como o câmera do cinema comum: um observador que não está na cena. No filme gonzo, o câmera é mais um personagem da cena, alguém que interage e até participa da cena. Os filmes sem história são compilações de cenas que não se interligam, que não conversam de forma alguma, é possível pegar três filmes desse tipo e construir dezenas só fazendo a análise combinatória das cenas. Não há compromisso artístico nenhum, o que traz a esse estilo um ar mais sincero e real.

- Qualquer filme: tradicionalmente compostos por 5 cenas de 15 minutos cada uma. Há uma seqüência universal: oral-vaginal-anal e, quase sempre, o *grand finale* é uma ejaculação no rosto das meninas. O DVD vem com um menu interativo com as opções: filme, cenas, trailers e extras. Nos extras há quase sempre outras 2 opções: “*making off*” e “gozadas”. Na primeira pode-se ver os bastidores das produções, os preparativos das atrizes e atores, além de entrevistas com o pessoal da produção, a curiosidade atiça muito o consumidor do ramo. Na segunda opção há uma coletânea com as ejaculações faciais, a cereja do bolo dos adoradores de pornografia.

Já comparamos os filmes pornô brasileiros com *commodities* anteriormente, agora fica clara e explícita a razão dessa comparação: é sempre a mesma coisa, no mesmo modelo e feita do mesmo jeito, só mudam os atores e as falas. É disso que esse setor vive, da renovação do *casting*, dos novos talentos e de muita repetição. Muita mesmo.

5.5 Particularidades

Todos os segmentos do mercado possuem suas particularidades, a indústria pornô não é diferente.

A primeira e mais intrigante é que apesar de atingir o seu espectador enquanto ele está extremamente extático e entregue a uma experiência especialíssima, raras foram as intervenções publicitárias que já se beneficiaram disso. Será que não existem marcas cujas aspirações máximas de seus consumidores sejam o sexo? Ou talvez seja muito caro anunciar num vídeo pornográfico. Essas tradicionalmente são os pontos que devem explicar a não-escolha dos filmes como mídia, já que a outra explicação cai por terra antes de ser levantada (“será que muita gente assiste?”). Lá fora também não é comum veicular propagandas não-ligadas a sexo em mídias pornô, contudo muitas vezes se aproveitam a aura dos grandes atores e atrizes para os comerciais tradicionais: Rocco Siffredi fez comercial para Amica Chips italiana⁷⁰, Peter North para um medicamento anti-impotência americano⁷¹ e Jenna Jameson foi garota-propaganda da Adidas⁷². Aqui dentro os publicitários mantêm os olhos bem fechados para essas novas possibilidades.

⁷⁰ Veja o vídeo em <http://www.youtube.com/watch?v=qdfk6oNnJ6A>

⁷¹ Veja o vídeo em <http://www.youtube.com/watch?v=jvSmiQRCgCs>

⁷² Veja o vídeo em <http://www.youtube.com/watch?v=Ek4p23E6RGc>

Outra grande particularidade diz respeito ao público. Uma sondagem informal⁷³ feita durante os 2 últimos anos indicou que a maior parte dos entrevistados viu recentemente um filme pornográfico. Confirmando as hipóteses, a maioria que não assistiu era feminina. A sondagem, que não teve pretensão alguma de se tornar uma pesquisa de referência devido à informalidade e às restrições locais e etárias (apenas jovens cariocas foram entrevistados), mostrou também que há uma liberalidade com esse tipo de filme, apesar da vergonha de assumir isso oficialmente. As moças mostraram uma tendência a assistir os filmes acompanhadas, geralmente filmes alugados com os parceiros ou em motéis. Já os rapazes possuem uma clara preferência pelos *downloads* piratas via *Emule*, *Kazaa*⁷⁴ e *torrent*, e pela variedade que essas tecnologias propiciam (o legal é baixar o filme, assistir uma vez ou apenas parte, deletar e substituí-lo por outros, de forma a repetir o processo eternamente). Traduzindo: quase ninguém da amostra gasta dinheiro com pornografia. Não será difícil desqualificar essa pequena sondagem feita exclusivamente para esse trabalho, difícil será, depois de pesquisas maiores ratificarem esse processo, traçar um planejamento para reconquistar esse público.

Se empresas fossem proibidas de comprar *softwares* de planilhas, se homens não pudessem comprar cuecas, se gordos não fossem autorizados a comprar roupas GG e míopes não tivessem aval para comprar óculos teríamos um panorama parecido com o da pornografia no Brasil. Enquanto os filmes sanguinolentos e programas de TV de gosto duvidoso são **recomendados** para maiores de 18 anos (às vezes até menos do que isso), os filmes pornográficos são **proibidos** para menores de 18 anos. Mais uma peculiaridade (provavelmente a única com esse problema) da indústria pornô: seu público-alvo não pode consumir o produto. A pornografia até nisso foi colocada no mesmo saco das bebidas e do cigarro, como se fizesse, como os outros dois efetivamente fazem, mal ao indivíduo e à sociedade. Este é um ponto extremamente delicado que em breve será abolido, obviamente não pela força da lei ou de uma revolução anti-moralista, porém pela inviabilidade técnica de restrições às novas mídias. Entretanto, enquanto for permitida a reeleição ilimitada da hipocrisia nesse país, o

⁷³ Não parece haver outro jeito de promover sondagens sobre hábitos sexuais mais específicos (que extrapolem a pergunta da opção sexual), senão a informalidade. O que não torna inviável esse tipo de estudo, afinal, basta tão-somente que a abordagem seja informal.

⁷⁴ Emule e Kazaa são programas de compartilhamento de arquivos diretamente entre os usuários

consumo juvenil da pornografia continuará escondido nas silenciosas paredes dos quartos (e banheiros) adolescentes, fingindo não existir ao mesmo tempo que imploram por mais espaço.

Já falamos algumas vezes que a pornografia é uma *commodity*. E uma *commodity* bem especial: sua matéria-prima é o sexo e a máquina de transformação da matéria-prima em produto é uma câmera filmadora (e alguma cara-de-pau). Hoje, uma câmera filmadora simples custa a bagatela de 10 parcelas de R\$29,90 em *sites* de leilão e sexo, qualquer um pode fazer. Ou seja, não precisa ser uma grande empresa multinacional milionária para produzir um filme do gênero. A grande barreira para a produção amadora de pornografia sempre foi os custos de distribuição, fazer o vídeo correr um país de dimensão continental e negociar sua venda com centenas de locadoras não é uma tarefa fácil. Hoje, contudo, estamos diante de uma revolução: com o aumento geométrico de usuários a *internet* se tornou uma praça de grande potencial para o pornô, e na *internet* todos podem ficar equiparados. Um *site* pessoal pode ser mais atraente do que o de uma mega-empresa, assim como, uma cena de sexo amador pode ficar bem mais excitante do que uma cena de sexo profissional. Até aqui, não há muitas novidades, há muito existem os *sites* pornôs ditos amadores⁷⁵ que cobram pelo acesso do mesmo modo que os ditos profissionais. A grande novidade, que cria uma nova peculiaridade nesse segmento, é o desabrochar de portais como o *Pornotube* e o *Youporn*, onde os amadores não precisam gastar nem um único centavo para disponibilizar seus vídeos para multidões. A pergunta que será feita daqui para frente é: por que pagar para ver algo que pode-se ver de graça? Além disso: se antes desses portais especializados os vídeos da Cicarelli numa praia européia e de Paris Hilton na suíte presidencial de um hotel de seu pai foram vistos por milhões, agora alguma celebridade vai poder fazer sexo em paz? Com tantos celulares e câmeras nas mãos, vai ser possível não se tornar um ator/ atriz pornô? As possibilidades e perspectivas são incontáveis, afinal, nunca foi dado ao público a chave de um negócio como esses *sites* fizeram com a pornografia: só nos resta esperar e descobrir o que vai acontecer.

Contudo, sem dúvida, a grande particularidade desse mercado está no fato de serem exceções aqueles que assistem o filme por completo. Os espectadores médios de

⁷⁵ Amador virou um conceito de sexo feito por anônimos com câmeras de preço baixo e sem muito cuidado com os detalhes que um filme exige. Por isso há *sites* amadores que cobram dos visitantes e continuam sendo amadores.

pornografia não querem um filme, querem uma cena, um detalhe, um sorriso, um gemido, não estão dispostos a perder duas a três horas abduzidos por esse mundo fantástico. É aí que a pornografia se parece com o Rolex. O Rolex resiste até 2000 metros de profundidade, mas seus donos o retiram durante o banho para não molhar. O vídeo pornô possui 6, 7 cenas, mas o espectador assiste 1 ou 2 e desliga o filme. Retirando-se as devidas exceções, paga-se por algo que não se usa. Como já falamos, parece óbvia a criação de um DVD muito mais barato com apenas 2 cenas. Assim como seria muito mais barato um Rolex que não resistisse aos inalcançáveis e sobre-humanos 2000 metros de profundidade. Porém, como diz BAUDRILLARD (1984), se é o desperdício que move o mundo, se é aquilo que não usamos a parte mais necessária de qualquer coisa, um filme pornô de 2 cenas faria sucesso? Um Rolex sem essa inutilidade, igual a qualquer outro relógio, venderia bem? Parece que o interessante é a possibilidade de usar, por mais que a possibilidade nunca chegue. Ou não. Eis um bom volante para apostas.

Considerações finais

Quando iniciamos nossa pesquisa, a expectativa era de que encontraríamos a pedra filosofal do marketing no século XXI⁷⁶. Afinal, não custa repetir, pornografia sofre ao mesmo tempo de todos os males que a expansão dos mercados e novas tecnologias podem gerar e ainda assim parecia voar em céus de brigadeiro, previsão de que se demonstrou inelutavelmente falsa. Ponto para eles, mais uma vez pródigos na arte de criar ilusões. Entretanto, se não fomos felizes na arte de Nostradamus⁷⁷, certamente mostramos algum talento na ciência do dr. House⁷⁸.

Como todo bom médico, partimos do zero para entender o atual estado de nosso paciente. Através de buscas sobre o ambiente onde ele se situa, pudemos entender as causas de sua patologia, para depois, sim, examinar o que ele faz para combatê-la. Só assim foi possível traçar um diagnóstico preciso de nosso paciente. É o método do dr. House sendo aplicado na academia.

⁷⁶ Talvez um estudo sobre a indústria pornô norte-americana possa, efetivamente, indicar essa nova pedra filosofal.

⁷⁷ Profeta Medieval

⁷⁸ Impecável diagnosticista. Personagem-título da série “House M.D.”, interpretado por Hugh Laurie.

O que descobrimos efetivamente? Que a indústria pornô brasileira, nosso metafórico paciente, não está tão bem quanto tenta transparecer, nem tão mal quanto os religiosos e os eternos moralistas gostariam que estivesse.

É certo que esse trabalho acadêmico de conclusão de curso é deveras curto para tirarmos conclusões profundas e incombustíveis. Porém, certos pontos inexoravelmente merecem um enorme destaque:

- O preconceito em todas as suas escalas ainda é A grande barreira para o desenvolvimento da pornografia no Brasil. Arraigado em todas as esferas (política, judicial, empresarial, civil), essa prática criminosa ainda continua bem viva, impedindo que quem deseje viver do pornô no Brasil tenha uma vida tranqüila. Desde o Ministério do Trabalho (que não regulamenta ator/atriz pornô como profissão), o Ministério da Saúde (que simplesmente ignora os riscos dos profissionais envolvidos) e o Ministério da Cultura até as organizações empresariais (que recusam a associação dos pornográficos aos seus quadros) encontramos o gene do preconceito por trás de desculpas-padrões.
- A ausência de dados relativos à sexualidade brasileira dificulta muito a evolução dessa indústria. Quase todas as produtoras trabalham com as contas fechando cirurgicamente, e não possuem verbas para investir em pesquisas mercadológicas sobre o tema. Problema delas? Também. Só que a falta de conhecimento é um problema gravíssimo também para o Brasil como um todo, que ficaria totalmente sem ação caso doenças sexualmente transmissíveis começassem a se alastrar. Uma grande pesquisa sobre o tema é ultra-necessária.
- A mudança de cenário também é flagrante. A revolução das tecnologias acontece praticamente todo dia, e o consumidor está atento a elas. Nos grandes centros, ou entre a parte mais rica da população, já está se criando o hábito de não pagar pela pornografia, seja por culpa da pirataria virtual ou por culpa dos novos portais que surgiram (como o YouPorn e o PornoTube).
- Os avanços da pirataria, que já está mais disponível do que os originais. Com a internet (principalmente devido a tecnologias como *torrents*,

kazaa e emule) e o barateamento da produção de DVD's, qualquer um pode se tornar um pirata do pornô sem maiores dificuldades e com grandes chances de nunca serem encontrados (principalmente devido à máscara de anonimato da rede, mas também pelo pouco empenho das autoridades em descobri-los).

A grande percepção, portanto, é que o ambiente não é muito favorável mesmo aos produtores pornôs. Contudo, uma ótima novidade ao menos foi apresentada: a possibilidade do uso da Lei do Audiovisual para financiamento de filmes pornográficos, o que pode efetivamente promover uma revolução no meio e dá-lo um novo fôlego.

Apesar do tom pessimista que as novas tecnologias nos deram acerca desse mercado, ficou claro que há quem saiba usá-la a seu favor. Ainda são ações isoladas, feitas por uma ou outra empresa do gênero, ações tímidas se comparadas ao que é feito lá fora, que, no entanto, acendem uma luz de esperança em meio à escuridão prevista. O futuro se aproxima, e a seleção natural começa, os mais adaptados permanecerão.

Quando iniciamos a pesquisa, optamos pelo título “Luz vermelha, câmera, ação” com o objetivo simples de um trocadilho, uma brincadeira, uma metonímia com o sexo. Era uma tradição que os prostíbulos fossem marcados à porta com uma luz vermelha, para que os inocentes viajantes não os confundissem com hotéis. Todavia, no decorrer da pesquisa, percebemos que a luz vermelha que está acesa no título não é apenas a luz vermelha da libertinagem, do sexo pago e do entretenimento adulto, lá está também a luz vermelha do perigo. Perigo latente e evidente que nunca tinha sido visto porque nunca tinha sido pesquisado. Sua mais clara apresentação é a opção das produtoras nas locadoras (realidade ainda, mas que parece fadada à posteridade) sem planos B.

Encerramos o texto tranquilos de que cumprimos todas as nossas promessas. Visto que deixamos explícitos os temas que clamam por serem estudados mais profundamente (entre eles: a Lei do Audiovisual, o Case Frota-Brasileirinhas, os *sex-shops* como empreendimentos, o desleixo dos poderes com o gênero), recomendações (entre elas: DVD's com menos cenas, novos modelos de hotéis, pesquisas sobre sexualidade dos brasileiros) e principalmente soluções (entre elas: Lei do Audiovisual, reconhecimento dos Ministérios com o segmento, criação de uma entidade para lutar pelos direitos do setor, e a criação de um prêmio).

Só há um ponto em que fomos extremamente felizes em nossas previsões. Infelizmente, esse é o ponto mais assustador de nossa pesquisa, e precisa ser abordado mais especificamente em novos trabalhos. Imaginávamos provar o gene do *business* na pornografia, tarefa que não foi muito difícil. Só que nosso estudo trouxe uma sensação diferente, a sensação de que o sexo está aos poucos migrando para a pornografia, sendo abduzido por esta, e gradualmente se tornando apenas um negócio. Um negócio que não gera mais vida, que não traz mais riscos físicos, que não envolve mais sentimentos. A pornografia parece cada vez mais substituir o sexo, transformando-o exclusivamente em dinheiro e prazer. Eis o desafio de Ulisses⁷⁹: fugir de Cila sem entregar sua tripulação a Caríbdes⁸⁰. Eis o desafio de todo estudioso (e entusiasta) da pornografia no século XXI: colaborar para a evolução do pornô sem colaborar para a erradicação do sexo.

⁷⁹ Personagem principal, também conhecido como Odisseu, de “Odisséia” de Homero.

⁸⁰ Cila e Caríbdes, monstros marinhos que habitavam o estreito da Sicília, atrapalhando o retorno de Ulisses à Ítaca.

Referências

DORIA, Pedro. **Eu gosto de uma coisa errada**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. 135p.

BAUDRILLARD, Jean. **A ilusão vital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. 90p.

_____ **Simulacros e simulações**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991. 202p.

_____ **À sombra das maiorias silenciosas**. Brasília: Editora Brasiliense, 1984. 86p.

_____ **A troca impossível**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. 154p.

SEXY HOT. **Sexy Hot-** um caso de sucesso. São Paulo: Arttexto, 2006. 108p.

KOTLER, Philip. **Marketing para o século XXI**. São Paulo: Futura, 2003. 286p.

ABV, disponível em:

http://74.52.160.34/~abvorg/site/index.php?option=com_content&task=view&id=13&Itemid=1 , acessado em: Outubro de 2007

ADULT FRIEND FINDER, disponível em: www.adultfriendfinder.com , acessado em: Outubro de 2007

AIM, disponível em: www.aim-med.org , acessado em: Outubro de 2007

AVN, disponível em: www.avn.com , acessado em: Outubro de 2007

AVN Awards, disponível em: www.avnawards.com , acessado em: Outubro de 2007

BANGBROS, disponível em: www.bangbros.com , acessado em: Outubro de 2007

BRASILEIRINHAS, disponível em: www.brasileirinhas.com.br , acessado em: Outubro de 2007

BRITISH BUKKAKE BABES, disponível em: www.britishbukakebabes.com ,
acessado em: Outubro de 2007

BUTTMAN, disponível em: www.buttman.com.br , acessado em: Outubro de 2007

CANAL ADULTO, disponível em: www.canaladulto.com.br , acessado em: Outubro de 2007

CUM ON HER FACE, disponível em: www.cumonherface.com , acessado em: Outubro de 2007

DICIONÁRIO PRIBERAM *ONLINE* , disponível em:
<http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx> , acessado em: Outubro de 2007

GOOGLE, disponível em: www.google.com , acessado em: Outubro de 2007

HOT D'OR, disponível em: www.hotdor.org , acessado em: Outubro de 2007

JORNAL DO ESTADO, disponível em:
<http://www.jornaldoestado.com.br/index.php?VjFSQ1VtUXlWa1pqU0ZKUFVrZDRUMWxYZEhOTk1WRjNwVzAxYVZadVFsWlVWV2h6VlVaRlZVMUVhejA9> ,
acessado em: Outubro de 2007

KINSEY INSTITUTE , disponível em: <http://www.kinseyinstitute.org> , acessado em:
Outubro de 2007

LEI DO AUDIOVISUAL *ONLINE* , disponível em:
<http://www.cinemabrasil.org.br/laws/leiaudio.html> , acessado em: Outubro de 2007

MIKE IN BRAZIL, disponível em: www.mikeinbrazil.com , acessado em: Outubro de 2007

AS PANTERAS, disponível em: www.aspanteras.com.br , acessado em: Outubro de 2007

PLANET SEX, disponível em: www.planetsex.com.br , acessado em: Outubro de 2007

PORNOTUBE, disponível em: www.pornotube.com , acessado em: Outubro de 2007

Portal Heco, disponível em: http://www.heco.com.br/galante/ensaios/02_02.php ,
acessado em: Outubro de 2007

PRENSA DIGITAL, disponível em: <http://prensadigital.com.br/pd1/2007/04/27/droga-virtual> , acessado em: Outubro de 2007

SEXY HOT, disponível em: www.sexyhot.com.br , acessado em: Outubro de 2007

TERRA, disponível em:
http://www.terra.com.br/istoe/1805/internacional/1805_porno_virou_terror.htm ,
acessado em: Outubro de 2007

UBV, disponível em: www.ubv.org.br , acessado em: Outubro de 2007

WIKIPEDIA, disponível em: www.wikipedia.com , acessado em: Outubro de 2007

_____ (2007-A), disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Porn_movie , acessado em: Outubro de 2007

_____ (2007-B), disponível em:
http://en.wikipedia.org/wiki/Obscene_Publications_Act , acessado em: Outubro de 2007

_____ (2007-C), disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Marketing_mix ,
acessado em: Outubro de 2007

_____ (2007-D), disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Marcel_Duchamp ,
acessado em: Outubro de 2007

_____ (2007-E), disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/BitTorrent> , acessado em: Outubro de 2007

_____ (2007-F), disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Hidra_de_Lerna ,
acessado em: Outubro de 2007

YOU PORN, disponível em: www.youporn.com , acessado em: Outubro de 2007

Glossário

Anal Sex - tipo de filme onde a principal (ou única) cena é a de sexo anal.

Bondage - prática sadomasoquista em que os praticantes são amarrados com extrema força por cordas e elásticos.

Bukkake - prática sexual nascida no Japão que consiste na ejaculação múltipla no rosto de uma só atriz. Geralmente é a conseqüência natural de um *gang-bang*, mas pode ocorrer sem que haja prática sexual anteriormente.

Cropofilia - nome científico da prática sexual em que excrementos são usados como objetos de prazer.

Deep Throat - prática em que a atriz engole completamente o membro do ator que contracenava com ela. Nessas cenas, normalmente, são usados atores com pênis maiores que 20 cm para enaltecer a capacidade das atrizes.

Dildo - vibrador ou consolo.

DP - prática em que mais de um ator penetra na moça. A DP (dupla penetração) típica é consumada pela presença de um pênis na vagina e outro no ânus da atriz, mas há variante como a DP Vaginal e a DP Anal.

Facial – tipo de filme em que as cenas principais (ou únicas) são de ejaculação no rosto de uma atriz.

Fist - tipo de filme em que as cenas principais (ou únicas) são de penetração manual, ou seja, enfia-se a mão ou objetos no ânus ou na vagina das atrizes.

Gang-bang - prática sexual em que mais de três atores fazem sexo com uma única atriz. Habitualmente, após um *gang-bang* acontece um *bukkake*.

Gonzo - tipo de filme em que o câmera participa ativamente da cena de sexo. Às vezes dando as coordenadas para os atores que estão sendo filmados, às vezes efetivamente entrando na cena como ator principal.

Hardcore - tipo de filme onde não há nenhuma espécie de censura. Vê-se tudo e escuta-se tudo.

Homoerotismo - tipo de cena/filme em que há contato sexual entre dois ou mais atores.

Lesbianismo - tipo de cena/filme em que há contato sexual entre duas ou mais atrizes.

Ménage - prática em que há um terceiro componente na transa. Dois atores e uma atrizes, ou duas atrizes e um ator. Essa prática também é conhecida como 2x1.

Menofilia - nome científico da prática sexual feita quando a atriz está em tempo de menstruação

Oral Sex - tipo de filme em que as cenas principais (ou únicas) são de sexo oral, tanto de atores em atrizes, quanto o contrário.

Orgia - prática sexual em que mais de três pessoas participam e não há parceiros fixos.

Podolatria - nome científico da tara por pés. Há muitos filmes especializados nessa tara.

Pornstar - como são conhecido os grandes astros da pornografia.

Real Sex - tipo de filme filmado com câmera portátil de fácil acesso em que os participantes não são atores, nem atrizes. Usualmente os participantes são sócios de algum *site* ou comunidade e aceitam o convite para as filmagens sem retorno financeiro algum. É o exato meio do caminho entre o amadorismo e o profissionalismo.

Sadomasoquismo - prática sexual em que os participantes buscam a exponenciação do orgasmo através da dor física.

Softcore - tipo de filme em que se mostram apenas simulações de atos sexuais. Nesses filmes há muito sexo, contudo, durante o ato, o público vê apenas as expressões faciais dos atores e atrizes.

Snowball - prática em que uma atriz passa o esperma para boca de outra, esta para a boca de uma próxima e assim sucessivamente até que a última o engole.

Swing - prática sexual em que vários casais trocam seus parceiros livremente.

Termas - bordéis, prostíbulos, casas de tolerância.

Trans-Sex- filme em que há participação de um ator travesti ou transexual.

Water Bondage - prática sadomasoquista em que os participantes são amarrados e afogados antes, durante ou depois dos atos sexuais.

Zoofilia - nome científico da prática sexual realizada entre seres humanos e animais. Normalmente os animais mais utilizados nesse tipo de filme são cavalos e cães.